

FERNANDO
HENRIQUE
CARDOSO
**DIÁRIOS DA
PRESIDÊNCIA**
2001-2002



Escadaria do Palácio do Itamaraty. Foto de Cristiano Mascaro.

FERNANDO
HENRIQUE
CARDOSO

DIÁRIOS VOLUME 4
DA 2001-2002
PRESIDÊNCIA



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2019 by Fernando Henrique Cardoso

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Victor Burton

FOTO DE CAPA E PÁGINA 2

Cristiano Mascaro

FOTO DE LOMBADA

Zuleika de Souza/ Acervo Pres. F. H. Cardoso

NOTAS E CHECAGEM

Érico Melo

PREPARAÇÃO

Ciça Caropreso

ÍNDICE REMISSIVO

Luciano Marchiori

REVISÃO

Jane Pessoa

Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cardoso, Fernando Henrique
Diários da presidência, 2001-2002 / Fernando Henrique
Cardoso. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2019.

Bibliografia
ISBN 978-85-359-3263-8

1. Brasil — Políticas e governo — 1999-2000. 2. Brasil —
Presidentes — Biografia 3. Cardoso, Fernando Henrique,
1931 — I. Título.

19-27896

CDD-923.181

Índice para catálogo sistemático:

1. Brasil : Presidentes : Biografia 923.181

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

SUMÁRIO

Apresentação | 11

Lista de siglas | 19

2001

2 A 12 DE JANEIRO DE 2001

Sucessão das Mesas do Congresso.

Procuradores criticam medida provisória.

Conversa com João Roberto Marinho | 31

14 A 29 DE JANEIRO DE 2001

Viagem a Coreia do Sul, Timor-Leste e Indonésia.

Ainda a sucessão no Congresso.

Programa de ação para o final do mandato | 47

2 A 16 DE FEVEREIRO DE 2001

Descanso em Ibiúna e Buritituba. Lançamento do Bolsa Escola.

Aécio Neves e Jader Barbalho vencem no Congresso | 65

17 DE FEVEREIRO A 2 DE MARÇO DE 2001

Ataques de ACM e problemas no PFL.

Demissão de Ornelas e Tourinho.

Começa o escândalo do painel eletrônico | 81

11 A 18 DE MARÇO DE 2001

Morte de Mário Covas. Acusações a Jader Barbalho.

Sudam e Sudene. Crise na Argentina | 93

26 DE MARÇO A 1º DE ABRIL DE 2001

CPI da Corrupção. Reunião com os comandantes militares.

Aumento dos juros. Recrudescem as acusações contra Jader | 109

4 A 15 DE ABRIL DE 2001

Criação da Corregedoria-Geral da União. Visitas de Hugo Chávez,

Lionel Jospin e Jiang Zemin. Agrava-se a situação energética | 130

18 A 30 DE ABRIL DE 2001

Escândalo do painel do Senado. ACM e Arruda em xeque.

A CPI da Corrupção alcança as assinaturas necessárias | 150

6 A 15 DE MAIO DE 2001

Extinção da Sudam e da Sudene. Mobilização da base

aliada contra a CPI. Demissão de Fernando Bezerra | 177

16 A 26 DE MAIO DE 2001

Crise de energia. Caso Marka. Pedido de impeachment. Renúncia de Arruda | 195

28 DE MAIO A 11 DE JUNHO DE 2001

ACM e Arruda renunciam. Começa o racionamento de energia. Visita de Ricardo Lagos | 213

13 A 24 DE JUNHO DE 2001

Almoço com Cavallo. Odebrecht e Copene. Obstrução do PMDB. Reunião do Mercosul no Paraguai | 231

29 DE JUNHO A 6 DE JULHO DE 2001

Visita de Estado à Bolívia. Reflexões sobre política e economia. Demissão de Alcides Tápias. Viagem ao Tocantins | 246

7 A 12 DE JULHO DE 2001

Estatuto da Cidade. O PMDB e o rumo da roça. Visita de Bill Clinton. Agravamento da crise argentina | 260

15 A 24 DE JULHO DE 2001

Negociações com o FMI. Cleaning house da infâmia. Itamar, Ciro e ACM. Jantar com Michel Temer | 268

25 DE JULHO A 3 DE AGOSTO DE 2001

Sérgio Amaral assume o Ministério do Desenvolvimento. Posse de Alejandro Toledo em Lima. Visita de Tony Blair. Novo acordo com o FMI | 284

4 A 16 DE AGOSTO DE 2001

Reflexões sobre o PFL. Segurança pública e greves policiais. Encontro com Chávez e Fidel na fronteira da Venezuela | 299

17 A 23 DE AGOSTO DE 2001

Reunião do Grupo do Rio no Chile. Negociações sobre a Argentina. Decepção com o PIB. Jantar com o PFL baiano | 317

27 DE AGOSTO A 1º DE SETEMBRO DE 2001

Posse de Sérgio Amaral. Viagem ao sul da Bahia. Reunião com José Alencar. Problemas do modelo energético | 328

4 A 15 DE SETEMBRO DE 2001

Viagem ao Ceará. Michel Temer assume a presidência do PMDB. O Onze de Setembro e suas repercussões | 341

18 A 29 DE SETEMBRO DE 2001

Candidatura Serra. Tebet assume a presidência do Senado. Disparada do dólar. Ainda o Onze de Setembro | 359

4 A 10 DE OUTUBRO DE 2001

Viagem ao Equador. Ameaça de invasão da Córrego da Ponte. Começa a Guerra do Afeganistão. Reunião com De la Rúa | 374

14 A 25 DE OUTUBRO DE 2001

*Viagem a Minas e Rio Grande do Sul. Criação da Ancine.
Impasse com o PMDB | 385*

28 DE OUTUBRO A 1º DE NOVEMBRO DE 2001

*Viagem a Inglaterra, França e Espanha. Reunião com
Tony Blair e Bill Clinton. Discursos em Madri e Paris | 397*

3 A 7 DE NOVEMBRO DE 2001

Reflexões sobre Lula. Crise argentina. Escaramuças tucanas | 411

13 A 18 DE NOVEMBRO DE 2001

*Viagem aos Estados Unidos. Reunião com Bush.
Alívio cambial. Discurso na Assembleia Geral da ONU | 421*

23 A 28 DE NOVEMBRO DE 2001

*Viagens a Pernambuco e ao Peru. Cúpula
Ibero-Americana. Morte de Vilmar Faria | 437*

1º A 8 DE DEZEMBRO DE 2001

*A opinião publicada e o Brasil chorão. Flexibilização
da CLT. Acelera-se o colapso argentino. Jantar com senadores | 450*

13 A 16 DE DEZEMBRO DE 2001

*Conferência do Banco Mundial. Visita do premiê russo.
Jantar com o PTB. Melhora do clima econômico | 468*

20 A 28 DE DEZEMBRO DE 2001

*Reunião do Mercosul. Renúncia de De la Rúa. Disputas
internas no PSDB. Descanso no Pantanal | 477*

2002

1º A 12 DE JANEIRO DE 2002

*Renúncia de Rodríguez Saá e eleição de Duhalde na Argentina.
Conversas francas com Bush e Sarney. Definição da candidatura Serra | 495*

18 A 21 DE JANEIRO DE 2002

*Viagem à Rússia e à Ucrânia. Lançamento da candidatura Serra.
Negociações sobre a Argentina. Morte de Celso Daniel | 521*

22 A 31 DE JANEIRO DE 2002

*Reunião com Lula e José Dirceu. Jantar com Roseana Sarney.
Viagens ao Rio e Pernambuco | 536*

1º A 15 DE FEVEREIRO DE 2002

*Confabulações sobre a Argentina. Carnaval na Amazônia.
Visita do chanceler alemão. Rusgas com ACM | 549*

17 A 28 DE FEVEREIRO DE 2002

Reunião do Mercosul em Buenos Aires.

Articulações da reforma ministerial.

Viagem a Suécia, Polônia e Eslováquia | 570

3 A 8 DE MARÇO DE 2002

O caso Lunus. Visita do príncipe Charles. Viagem ao Panamá.

O PFL e a família Sarney rompem a aliança com o governo | 589

9 A 21 DE MARÇO DE 2002

Reunião do BID. Reflexões sobre o Brasil e o México.

Desdobramentos da crise com o PFL. Visita de Estado ao Chile | 606

23 DE MARÇO A 4 DE ABRIL DE 2002

Invasão da Córrego da Ponte. Reforma ministerial.

Páscoa em Fernando de Noronha. Aproximação com o PMDB | 627

8 A 17 DE ABRIL DE 2002

União com o PMDB. Visita do presidente polonês.

Conversas com os Mesquita. Golpe na Venezuela | 648

19 DE ABRIL A 1º DE MAIO DE 2002

Cansaço do governo. Mais tensão na Argentina.

A Câmara prorroga a CPMF. Gênese da Fundação FHC | 666

3 A 16 DE MAIO DE 2002

Escândalo requeitado. Planos para depois da

Presidência. Viagem à Espanha | 684

22 A 30 DE MAIO DE 2002

Cúpula América Latina e União Europeia. Visita ao papa.

O estilo Serra. Definição da vice | 702

31 DE MAIO A 13 DE JUNHO DE 2002

Política mineira. Concorrência dos caças. Crise cambial.

Empréstimo do FMI | 721

14 A 25 DE JUNHO DE 2002

Conversa com José Dirceu. Convenções partidárias.

Agravamento da crise de confiança | 740

29 DE JUNHO A 9 DE JULHO DE 2002

Brasil pentacampeão. Visita do presidente do México.

Reunião do Mercosul. Demissão do ministro da Justiça | 756

12 A 21 DE JULHO DE 2002

Mercados nervosos. Ciro sobe, Serra cai.

Irracionalidade e incertezas | 773

25 DE JULHO A 6 DE AGOSTO DE 2002

Conversa franca com Serra. O dólar e o risco-país

disparam. Negociações com o FMI | 789

8 A 20 DE AGOSTO DE 2002

Novo acordo com o FMI. Erros do BC na gestão da dívida pública. Reuniões com Lula, Ciro, Garotinho e Serra | 809

22 DE AGOSTO A 4 DE SETEMBRO DE 2002

Visita oficial ao Uruguai. Novamente o dossiê Cayman. Serra sobe nas pesquisas | 824

6 A 28 DE SETEMBRO DE 2002

Serra se consolida no segundo lugar. Jantar com Antonio Palocci e José Dirceu. Acordos com a Argentina | 843

29 DE SETEMBRO A 15 DE OUTUBRO DE 2002

Copérnico e Ptolomeu. Último debate da campanha. Lula e Serra passam ao segundo turno | 864

18 A 28 DE OUTUBRO DE 2002

Reta final do segundo turno. Lula derrota Serra. Começo da transição | 880

1º A 17 DE NOVEMBRO DE 2002

Reunião com Lula. Conversas com a equipe de transição. Última viagem oficial ao exterior | 897

17 DE NOVEMBRO A 5 DE DEZEMBRO DE 2002

Jantar com Lula e Marisa. Últimas reuniões e homenagens. Preocupação com o futuro governo | 915

7 A 18 DE DEZEMBRO DE 2002

Formação do ministério de Lula. Prêmio em Nova York. Sucessão no Sebrae | 931

22 A 31 DE DEZEMBRO DE 2002

Natal na fazenda. Preparativos da posse de Lula. Últimas reflexões | 946

Índice remissivo | 959

Sobre o autor | 1019

NOTA DE ESCLARECIMENTO

À página 628 do volume I de seus *Diários da Presidência*, Fernando Henrique Cardoso fez referência indevida ao nome do advogado Marcos Malan, o que deu ensejo ao recebimento de correspondência por ele enviada em 8 de dezembro de 2015 e de interpelação judicial ajuizada na Cidade de São Paulo em 26 de fevereiro de 2016.

Assim sendo, o autor, a despeito de já ter se desculpado pelo inconveniente causado em correspondência de 19 de maio de 2016, enviada diretamente a Marcos Malan, visando a restabelecer a verdade dos fatos e a dar cumprimento à obrigação assumida na mencionada correspondência, esclarece que, diferentemente da narrativa contida na referida passagem:

- a) em 17 de junho de 1996, já conhecia Marcos Malan, tendo, inclusive, sido responsável pelo convite e por sua nomeação para a diretoria da Susep (Superintendência de Seguros Privados), em 3 de agosto de 1993, conforme *Diário Oficial da União*;
- b) Marcos Malan jamais foi superintendente da Susep;
- c) não tem conhecimento de qualquer ato ou prova de que Marcos Malan tenha exercido ou tentado exercer qualquer “espécie de pressão” em favor de quem quer que seja junto a qualquer integrante da Susep;
- d) os rumores relacionados a tal suposta “espécie de pressão”, suscitados no relato apresentado à página 628 do volume I desta obra, em realidade jamais se confirmaram.

APRESENTAÇÃO

Dever cumprido: é a sensação que tenho ao terminar o último volume dos *Diários da Presidência*. Gravei compulsivamente sobre meu dia a dia e sobre os temas que me pareceram relevantes enquanto exerci a Presidência, de janeiro de 1995 ao final de dezembro de 2002. Se não gravei todos os dias, falei praticamente sobre todos eles. Por quê, me pergunto. Há vários motivos e me referi ao primeiro no volume inicial: o incentivo de Celina Vargas ao dar-me a fotocópia de uma página dos diários (na época inéditos) de seu avô, Getúlio Vargas, junto com um caderno e um lápis, para eu fazer o mesmo que ele fizera. Logo substituí o caderno e o lápis por um gravador banal e antigo, mas que melhor serviço me prestaria na agitação que é governar nos dias de hoje.

Mas não foi só esse o motivo que me fez persistir. É que comecei a carreira acadêmica, aos 21 anos, como professor assistente de história econômica na Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da USP. A professora catedrática, Alice Canabrava, me fez ler nos Arquivos do Estado (que funcionava onde hoje há uma parte da Pinacoteca e anteriormente fora sede do mal-afamado Dops, Departamento de Ordem Política e Social) grande parte das Atas da Câmara Municipal de São Paulo, para pesquisar como se dava o abastecimento da cidade nos séculos XVII e XVIII. Tive que fazer um curso sobre a caligrafia da época e nunca me esqueci do que me disse a professora Alice: você pode até vir a ser um ensaísta, mas não um pesquisador. Quase por teima, passei a vida fazendo pesquisas... Guardo profundo respeito pela documentação, além de dever a Alice Canabrava a obsessão pelos dados como base da história.

Mais ainda, vendo em retrospectiva, acho que a disciplina militar, que herdei de meu pai e de outros antepassados, me faz ter um sentimento de obrigação pelas tarefas que me atribuem ou por aquelas que eu mesmo me atribuo: uma vez começado um trabalho, é preciso terminá-lo. Daí a satisfação, o sentimento de dever cumprido. Levei anos para transformar as gravações em algo legível. Tarefa que devo também a Danielle Ardaillon, pela pachorra que teve para entender o que eu gravara, nem sempre com pronúncia clara, e transcrever tudo. Revi página por página; retornei inúmeras vezes às gravações para me certificar se o texto correspondia ao que eu gravara. Vez por outra atenuiei as frases, mas nunca alterei o sentido, mesmo porque as gravações estão depositadas na Fundação Fernando Henrique Cardoso.

Feito isso, coube a Miguel Darcy de Oliveira, meu assessor e diplomata de carreira, ver se algum arroubo inconveniente, desproporcional aos fatos narrados, poderia ser cortado. E também aos editores, excelentes, da Companhia

das Letras coube fazer as revisões finais e as diagramações necessárias a um melhor entendimento das sequências expostas no livro. A todos meu profundo reconhecimento.

Mas que dever é esse que sinto haver cumprido?

Como escrevi em outro lugar, minha geração passou, de dezembro de 1968 em diante — período de maior autoritarismo —, da paixão dominante pelo desenvolvimento econômico para uma nova paixão: a democracia. Nunca abandonamos, contudo, a primeira paixão. Foram motivações intelectuais ao redor desses temas que me levaram à vida política. Aprendi algo com ela e nela cheguei ao ponto mais alto, a Presidência. Não deixei, entretanto, de ser um intelectual na política. Os adversários eleitorais sempre se aproveitaram disso para me caracterizar como elitista ou como alguém apenas preocupado com os mercados, com a economia.

É indiscutível que o Plano Real (que, mais do que simplesmente haver terminado com a hiperinflação, acabou com o desdém pelo gasto público e levounos a crer na importância da estabilidade) foi quem me catapultou à Presidência. O Plano Real não se limitou, porém, ao que conquistou logo no início, com a URV e a flexibilização do orçamento, que deu margem ao governo para cortar gastos e usar os recursos para dispêndios que considerasse mais necessários. Implicou também uma persistente ação que se espalhou pelo tempo, como descrevo nos volumes anteriores destes *Diários*. Minha preocupação com o (difícil) equilíbrio das contas públicas e com as políticas monetárias vem da época em que fui ministro da Fazenda de Itamar Franco. Desde então, não me largou mais. Compartilho o mérito do Plano Real com Itamar Franco e, sobretudo, com a excepcional equipe econômica que o elaborou e ajudou a pô-lo em prática.

A paixão por institucionalizar a democracia fez parte fundamental de minhas preocupações e de minha ação no governo. Dediquei-me a transformar as antigas práticas enraizadas em nossas instituições e mantidas por nossa cultura política tradicional: corporativismo, clientelismo, personalismo. Levei os anos da Presidência tentando introduzir reformas e fazer com que o Congresso as apoiasse. Ao mesmo tempo, falei incessantemente ao país, ao povo: nunca deixei de crer na importância da didática para a democracia. Foi a fusão de minha formação como professor com a condição de líder e chefe de Estado.

A vida me ensinou que muitas vezes não é possível bater de frente contra interesses arraigados: é preciso contorná-los e, mesmo, ceder a alguns deles, para poder avançar. Isso também leva ao respeito à diversidade de interesses e visões, como é próprio da democracia. Recebia políticos, empresários e líderes sindicais ou religiosos que me procuravam (às vezes eu mesmo os procurava), e guardei na lembrança o que ouvi de um antigo professor de matemática da Politécnica da USP: ninguém é malandro o tempo todo; mais graves são os sem inteligência, que nada entendem e pensam saber tudo. Ouvia sem pré-julgamento mesmo os que eram

considerados malandros ou os que não rezavam pela minha cartilha. Isso foi interpretado inúmeras vezes como se eu estivesse aderindo a eles e aceitasse o que desejavam. Não; eu apenas ouvia, ponderava e buscava ver se em algum ponto poderíamos nos unir para fazer o país avançar.

Esta é a dura verdade da política tal como ela é: sua tessitura se faz com uma mescla de interesses (variáveis) e desejos (ou ideais) diversos. Os autoritários assumem que sua verdade é o Bem. Os demais estão em erro, são percebidos como a encarnação do Mal. Os democratas têm dúvidas, embora acreditem em seus ideais. Não procuram impor o que creem nem afastar da vida pública os que deles discordam. Preferem convencê-los a vencê-los pela autoridade. Convencer significa vencer juntos: há que dar ao adversário a chance de imaginar que ele também ganha algo com a vitória dos que mandam. É esse o penoso trabalho da liderança democrática: ganhar pelo voto, pela adesão. O que implica não recusar, de partida, o outro. Para isso, contudo, é preciso crer, e sempre acreditei nos valores mencionados: desenvolvimento econômico e democracia.

A política se constitui também de pequenas (e grandes) intrigas. A versão conta quase tanto quanto os fatos, já disseram. Mas em um país de desigualdades sociais e regionais, se o líder não percebe que boa parte das demandas dos políticos advém mais do que sempre chamei de “atraso” do que de ideologias de direita ou de esquerda, ele é incapaz de fazer aprovar o que crê ser bom para o país. As alianças, mais que eletivas, são necessárias. Não se fazem entre iguais, pois seria redundante, mas entre diversos. E se partes do “atraso” não forem incluídas na base do governo, ou se o líder for intolerante a ponto de se julgar um representante do Bem — e que quem não o seguir e pensar da mesma maneira pertence ao Mal —, o custo para o país é a paralisação da agenda transformadora. Neste, como nos demais volumes dos *Diários*, há exemplos abundantes de minha convicção. Sempre procurei alargar a democracia, lutar para que o Brasil crescesse economicamente, fosse internacionalmente livre em suas posições, e respeitado.

Acrescento outra dimensão. Os adversários eleitorais, os “inimigos”, sempre bateram na tecla de que meu governo e eu éramos neoliberais. Hoje está na moda ser liberal, mas em minha época de governante era xingamento. Queria dizer que o merecedor do epíteto entregava o país ao estrangeiro e que não cuidava do povo. Privatizar seria vender por quase nada o patrimônio nacional e popular...

A fusão entre homem de universidade e político me fazia ler muito, tentando entender o que ocorria no país e no mundo. Estávamos no início da globalização. O interesse nacional teria que se colocar diante das novas circunstâncias econômicas e financeiras do mundo. Sofremos várias crises financeiras vindas de fora. Isso sem termos, em algumas ocasiões, acabado de pôr em ordem as estacas domésticas da economia, principalmente as finanças públicas. Nessas condições, dada a má fortuna, a *virtù* se torna mais desafiadora e necessária. Este último volume se refere a tempos bicudos: 2001, crise financeira; 2002, eleições, que perdemos. A partir do

momento em que as pesquisas de opinião mostraram a possibilidade da vitória do PT, os mercados passaram a temer pelo que pudesse acontecer, considerando o que o partido até então dizia.

Ressalto, por isso mesmo, a importância que teve organizar a transição de meu governo para o seguinte (fosse do partido no poder ou de seu adversário) de modo a reforçar o que sempre desejei: manter as regras do jogo; institucionalizar a democracia — tarefa para cuja realização Pedro Parente foi importante. Essa atitude implica aceitar, sendo o caso, derrotas. Obviamente, os que a mim se opunham, e até alguns que participavam do mesmo campo político, maldaram essa paixão pelo possível, para usar os termos de Albert Hirschman, dizendo que eu teria apoiado o adversário, que, afinal, venceu. Não é verdade, os registros deste livro corroboram o que digo. Eu visava à manutenção do crescimento econômico e da democracia.

É de ressaltar que, neste como nos outros volumes dos *Diários*, se vê que tampouco é certo que meu governo só se interessasse pelos mercados. Fiz pesquisas sociológicas desde os anos cinquenta do século passado sobre a posição dos negros em nossa sociedade. Sabia não só por leituras, mas por vivência, que a desigualdade é uma mancha que vem de longe e que permanece como uma chaga. Favelas e pobreza eram e continuam a ser de meu conhecimento direto como pesquisador e, mais recentemente, como alguém preocupado com as políticas sobre drogas. Quando jovem também fiz pesquisas sobre a formação da classe operária. Mais tarde lidei com o tema da marginalidade não só no Brasil, mas na América Latina. Como poderia, no governo, desconhecer a realidade da pobreza e da desigualdade?

No governo me concentrei em corrigir as causas estruturais de ambas, desigualdade e pobreza. Daí a atenção à educação, e abordei seus mais variados aspectos: generalizamos o ensino fundamental, ampliamos o ensino técnico, a que demos ênfase, sem esquecer a importância fundamental de se criarem polos de excelência na pesquisa científica (papel no qual se destacou o embaixador Ronaldo Sardenberg). Sempre apoiei o ministro Paulo Renato e sua equipe. Ele permaneceu à frente da pasta da Educação durante oito anos.

O mesmo se diga da área da saúde. No início, sob a batuta de Adib Jatene, criamos a CPMF para financiá-la (reconheça-se que os recursos obtidos acabaram por ser também usados para outros propósitos). Apoiei as Normas Operacionais Básicas de Saúde (Nobs), aprovadas na gestão de César Albuquerque. Por fim, José Serra (sempre com o apoio de Barjas Negri, que também fora secretário executivo do ministro anterior) consolidou o SUS e capitaneou vários programas exitosos. Chegou a ameaçar a quebra de patentes para assegurar melhores condições das pessoas que vivem com HIV; pôs em marcha uma importante política de redução do uso do tabaco, sem falar no programa Médicos de Família e de inúmeras iniciativas

que continuaram nos governos sucessivos e que abrangeram as pessoas mais necessitadas.

Ao lado disso, provavelmente até hoje nenhum governo assegurou mais terra aos agricultores dela necessitados para trabalharem — missão na qual contei sempre com o poio de Raul Jungmann, ministro por longos anos da pasta da Reforma Agrária. Sempre em diálogos difíceis com as lideranças camponesas, e sem nunca deixar de fazer que a ordem prevalecesse. Cheguei mesmo a excluir da reforma agrária terras ocupadas por movimentos sociais, por mais que eu entendesse o papel relevante que eles têm nessa e em outras questões.

Mas não fizemos apenas programas visando transformações das causas estruturais da pobreza e da desigualdade. O programa Comunidade Solidária, inspirado por minha mulher, Ruth Cardoso, e que contou com sua ação, transformou a política assistencialista predominante em uma proposta que visava ensinar a pescar e não apenas a presentear com peixe.

Ao lado disso, e com o mesmo espírito, criamos os programas de bolsas tanto na área da saúde quanto na da educação. Nesta, o Bolsa Escola mostrava bem seu objetivo: proporcionar ajuda aos que dela necessitavam, mas condicioná-la a que os filhos estivessem na escola. Da mesma maneira as bolsas no âmbito da saúde tinham o propósito de valorizar a mulher e sua saúde. Aliás, em ambos os casos as bolsas eram concedidas à mulher, que em muitas circunstâncias são chefe da família. Dessa forma assegurava-se que os recursos fossem mais bem usados para os fins propostos. Foi da junção de várias bolsas que se formou o programa Bolsa Família, tão alardeado pelos governos seguintes.

Medidos pelo coeficiente de Gini, os dados mostram que em meu governo a desigualdade começou a diminuir, a despeito das imensas dificuldades pelas quais a economia brasileira passou. Sem mencionar que também conseguimos, apesar das circunstâncias, elevar o valor real do salário mínimo. Nunca me esqueci de que o crescimento da economia é fundamental para que possa haver bem-estar do povo (a começar pela oferta de empregos). Mantive Pedro Malan por oito anos no comando do ministério da Fazenda. Deve-se a ele e sua equipe, bem como aos ministros do Planejamento e à direção do Banco Central, termos conseguido navegar em águas turbulentas e não haver perdido o rumo da economia, o que é indispensável.

Uma palavra final sobre o papel do Brasil no cenário externo. O Mercosul, que se iniciara em governos anteriores, teve forte apoio durante meu período. Os *Diários* mostram o empenho pessoal que tive em vários momentos para ajudar a Argentina a sair de suas dificuldades financeiras e mesmo o governo de Chávez, em seu início, a ser mais bem compreendido pela comunidade internacional. Do Paraguai, nem se fale. E no caso do conflito entre Equador e Peru, a ação do Brasil foi decisiva. A influência do Brasil na América Latina cresceu e mantive (bem como vários de meus ministros) um diálogo permanente e mesmo amistoso com os

dirigentes da região, cabendo destacar que organizamos a primeira reunião de presidentes da América do Sul. Prosseguimos, ao mesmo tempo, com nosso bom relacionamento com México, América Central e Cuba.

Nada disso nos levou a um isolamento dos Estados Unidos, da Europa, da África ou da Ásia: as inúmeras viagens que fiz, o tom das conversas que mantive com líderes desses países e, especialmente com a Progressive Governance, de Clinton, Blair, D'Alema, Schröder e tantos outros, bem como as relações pessoais que estabeleci com alguns desses e com outros líderes (como Jospin e Chirac, na França, ou Mário Soares e Jorge Sampaio, em Portugal, ou ainda Felipe González, Aznar e o próprio rei, na Espanha) e especialmente com os latino-americanos, entre os quais Ricardo Lagos, Julio María Sanguinetti e Ernesto Zedillo, ajudaram-me a praticar uma espécie de política presidencial — seguida por Lula — e a consolidar o que é importante: a participação do Brasil nos fóruns internacionais e a obtenção de respeito para nosso país.

Agi com liberdade, sem subordinar nossos interesses a uma visão ideológica. Assim como me relatei bem com Clinton, com quem me relaciono de forma amistosa até hoje, tratei adequadamente George W. Bush, fui hóspede de Putin no Kremlin e mantive excelentes relações com Jiang Zemin, a quem visitei em Pequim. Dei preeminência a nossos interesses na África, especialmente em Angola e Moçambique, e em nossa região. Mas também fui à China, visitei vários países do Oriente (em especial o Japão), participei das comemorações da Independência da Índia, da celebração da vitória dos aliados (no V Day) em Londres. Tanto recebi como visitei líderes de Israel, a exemplo de Shimon Peres, e nunca desdenhei da importância dos países árabes (o rei da Arábia Saudita visitou o Brasil). Mantive excelentes relações com os líderes da África do Sul (não só Mandela, Mbeki também), de Moçambique (com Chissano) e da Argélia.

Em outros termos: procurei imprimir à política externa a prevalência de nossos interesses, mantendo boas relações com todos, sem sublinhar diferenças ideológicas ou preferências pessoais. Nisso fui ajudado por Felipe Lampreia e por Celso Lafer, bem como por vários de seus colaboradores.

Ao terminar meu segundo mandato, fui convidado por Kofi Annan a presidir um Painel sobre as Relações entre a ONU e a Sociedade Civil, que aceitei. Mais tarde passei a fazer parte do grupo organizado por Mandela (os Elders), no qual ainda me encontro, e do grupo de Michel Rocard, sobre ética e política, em Paris. Ao deixar a Presidência, criei uma fundação para discutir temas da democracia, sem jamais esquecer as questões econômicas. Temas que discutimos não só a respeito do Brasil, mas do que ocorre nas diversas regiões do mundo.

Tomei uma decisão: não mais competições eleitorais. Mantenho vínculos históricos com o partido que me elegeu, mas não participo de sua vida diária. Mais do que ter uma ação partidária preferi tentar exercer uma influência pública, discutindo, escrevendo e fazendo palestras, dentro do possível sem viés partidário.

Voltei à vida acadêmica nos Estados Unidos, na Universidade Brown (onde lecionei, intermitentemente, por cinco anos) e participo de inúmeros fóruns e reuniões internacionais, como o Clube de Madri, que reúne ex-presidentes democráticos, o Foro Ibero-Americano, o Círculo de Montevideú e os encontros organizados pelo Berggruen Institute, de Los Angeles; sou membro da Inter-American Foundation, de Washington, bem como participei da direção de algumas fundações (continuo a ter vínculos com a Fundação Champalimaud, de Portugal, e pertenci ao *board* da Rockefeller Foundation e do Instituto de Estudos Avançados, de Princeton, do qual fui *fellow* em duas ocasiões).

Em suma, aprendi que é melhor viver intensamente cada momento, que não adianta querer reviver o que já passou, mesmo porque, em geral, quando se consegue não se obtém os resultados anteriores. Aprendi também que sem política as democracias não vivem, mas as pessoas podem dispensá-la sem prejudicar o seu bem viver. Desde que tenham imaginação e energia para continuar fazendo o que gostam e o que serve à cultura, ao país e ao povo.

Por certo erreí muitas vezes e nem sempre consegui o que desejava: faz parte do jogo de poder. Posso, contudo, dizer sem receio, como estes *Diários* comprovam, que dediquei o máximo que pude a agir conforme meus valores e a fazer reformas. Há mecanismos arraigados na cultura e na vida institucional que muitas vezes dificultam que se logre o desejado. De uma coisa estou certo: embora tenha feito variadas alianças, tanto partidárias como na sociedade (que são parte do jogo de poder, e são feitas com o conhecimento de todos quando há democracia, ou mais escondido, quando vige o autoritarismo), jamais fui cúmplice de corrupção nem baseei o sistema político em alianças espúrias entre o governo e os partidos para extorquir recursos de empresas públicas ou privadas e obter a vitória eleitoral ou a manutenção do poder. As alegadas compras de votos para a emenda da reeleição são vazias: as amplas maiorias obtidas na Câmara e no Senado, assim como o apoio da opinião pública àquela emenda, mostram a desnecessidade de ações desse tipo. Houve, isto sim, adesão do país a uma decisão congressual que dá aos governos um mínimo de condição, uma vez que o povo vote, a continuarem suas políticas públicas. Não escrevo isso para justificar, mas para reafirmar: nada desculpa a pior das corrupções, a da própria democracia.

Governar, em nosso sistema presidencialista, no qual o presidente dispõe de enorme soma de poderes, é penoso. A sociedade crê que o presidente tudo pode. As circunstâncias políticas, econômicas e sociais limitam esse poder. Mais ainda, as decisões implicam certo isolamento. Não me esqueço do que ouvi um dia do grande líder de nossa redemocratização, Ulysses Guimarães: “Uma decisão desse tipo eu tomo sozinho”. Tratava-se de aceitar como candidato da oposição no Colégio Eleitoral um general de quatro estrelas, que eu defendia junto com Severo Gomes. Embora nem sempre se consiga obter o que se deseja sem transitar pela vontade e pela aceitação de muitos, é certo que diversas vezes o presidente —

sempre cercado por muitas pessoas — assume sozinho as decisões mais graves. E isso é pesado.

Não me queixo, contudo. Governei com afinco. Custou-me, como custa a todos, o envelhecimento na função. Mas governei com prazer: a esperança contínua de que dias melhores virão e a alegria, quando se logra, de haver ajudado o povo e o país (apesar dos recuos a que muitas vezes somos obrigados) permitem o sentimento de satisfação a quem exerce o poder lutando pela manutenção das liberdades, pelo crescimento e pelo bem-estar do povo. Governei sob pressão, como todos fazem, mas com alegria e prazer. Nem sempre, é verdade. Porém, terminados os mandatos, a satisfação do dever cumprido, a despeito dos erros cometidos, e o poder dormir sem sobressaltos mais do que compensam as agruras pelas quais inevitavelmente passa quem exerce o poder.

Fernando Henrique Cardoso
Setembro de 2019

LISTA DE SIGLAS

Abad	Associação Brasileira de Atacadistas e Distribuidores
ABCZ	Associação Brasileira dos Criadores de Zebu
Abag	Associação Brasileira de Agribusiness
Abert	Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão
Abia	Associação Brasileira das Indústrias da Alimentação
Abimaq	Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos
Abin	Agência Brasileira de Inteligência
ABP	Associação Brasileira de Propaganda
Abrace	Associação Brasileira de Grandes Consumidores Industriais de Energia
Abras	Associação Brasileira de Supermercados
ADA	Agência de Desenvolvimento da Amazônia
Adene	Agência de Desenvolvimento do Nordeste
ADTP	Agência de Desenvolvimento Tietê-Paraná
AES	Applied Energy Services
AGU	Advocacia-Geral da União
AI	Ato Institucional
AL	América Latina
Aladi	Associação Latino-Americana de Integração
Alca	Área de Livre Comércio das Américas
Alcoa	Aluminum Company of America
ANA	Agência Nacional de Águas
Anatel	Agência Nacional de Telecomunicações
Ancine	Agência Nacional do Cinema
Aneel	Agência Nacional de Energia Elétrica
Anfavea	Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores
ANP	Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis
ANS	Agência Nacional de Saúde Suplementar
Antaq	Agência Nacional de Transportes Aquaviários
ANTT	Agência Nacional de Transportes Terrestres
Anvisa	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
AP	Ação Popular
APCD	Associação Paulista de Cirurgiões-Dentistas
Apex	Agência de Promoção de Exportações
Aramco	Saudi Arabian Oil Company
ARO	Antecipação de Receita Orçamentária
Badesp	Banco de Desenvolvimento do Estado de São Paulo

BAE British Aerospace
Banespa Banco do Estado de São Paulo S.A.
Banpará Banco do Estado do Pará S.A.
Basa Banco da Amazônia S.A.
BB Banco do Brasil S.A.
BBC British Broadcasting Corporation
BBV Banco Bilbao Vizcaya S.A.
BC Banco Central
BID Banco Interamericano de Desenvolvimento
Bird Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento
BIS Bank for International Settlements
BNDES Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
Bovespa Bolsa de Valores de São Paulo
BR Petrobras Distribuidora
Cade Conselho Administrativo de Defesa Econômica
CAF Corporación Andina de Fomento
Caic Companhia Agrícola de Imigração e Colonização do Governo do Estado de São Paulo
Camex Câmara de Comércio Exterior
Capes Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
Capoib Conselho de Articulação dos Povos e Organizações Indígenas no Brasil
Care Cooperative for American Remittances to Europe
Caricom Comunidade do Caribe
CBF Confederação Brasileira de Futebol
CBMM Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração
CBN Central Brasileira de Notícias
CC5 Carta Circular nº 5
CCD Centro Cristiano Democrático
CCR Convênio de Pagamentos e Créditos Recíprocos
CEBDS Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável
Cebrap Centro Brasileiro de Análise e Planejamento
Cedaw Convention on the Elimination of all Forms of Discrimination Against Women
Celg Centrais Elétricas de Goiás S.A.
Cemig Companhia Energética de Minas Gerais S.A.
CEO Chief Executive Officer
Cepal Comissão Econômica da ONU para a América Latina e o Caribe
Cepisa Companhia Energética do Piauí S.A.
Ceplac Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira
Cesit Centro de Estudos Sindicais e Economia do Trabalho da Unicamp
Cesit Centro de Sociologia Industrial e do Trabalho da USP

Cesp Companhia Energética de São Paulo S.A.
Chesf Companhia Hidro Elétrica do São Francisco
CIA Central Intelligence Agency
Cide Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico
Cindacta Centro Integrado de Defesa Aérea e Controle de Tráfego Aéreo
Ciop Centro Integrado de Operações Policiais
CIOSL Confederação Internacional de Organizações Sindicais Livres
CIP Congregação Israelita Paulista
CLT Consolidação das Leis do Trabalho
CNBB Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CNEN Comissão Nacional de Energia Nuclear
CNI Confederação Nacional da Indústria
CNIS Cadastro Nacional de Informações Sociais
CNN Cable News Network
CNPq Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CNT Confederação Nacional do Transporte
Coaf Conselho de Controle de Atividades Financeiras do Ministério da Fazenda
Codesp Companhia Docas do Estado de São Paulo
Cofins Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social
Conade Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência
Contag Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura
Copene Companhia Petroquímica do Nordeste S.A.
Copom Comitê de Política Monetária do Banco Central
Cosipa Companhia Siderúrgica Paulista
CPI Comissão Parlamentar de Inquérito
CPLP Comunidade dos Países de Língua Portuguesa
CPMF Contribuição Provisória sobre Movimentações Financeiras
CSLL Contribuição Social sobre o Lucro Líquido
CSN Companhia Siderúrgica Nacional S.A.
CUT Central Única dos Trabalhadores
Cuny City University of New York
DAS Direção e Assessoramento Superior
Dataprev Empresa de Tecnologia e Informações da Previdência Social
DI Depósito Interbancário
Dieese Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
DNER Departamento Nacional de Estradas de Rodagem
DNIT Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes
DNOCS Departamento Nacional de Obras Contra as Secas
EDP Electricidade de Portugal S.A.
Eletronorte Centrais Elétricas do Norte do Brasil S.A.

Eletronuclear Eletrobrás Termonuclear S.A.
Eletropaulo Eletropaulo Metropolitana Eletricidade de São Paulo S.A.
Eletrosul Empresa Transmissora de Energia Elétrica do Sul do Brasil S.A.
Emater Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
Embraer Empresa Brasileira de Aeronáutica S.A.
Embrapa Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Embratel Empresa Brasileira de Telecomunicações S.A.
Embratur Empresa Brasileira de Turismo
Emplasa Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano S.A.
Enaex Encontro Nacional de Comércio Exterior
Enceja Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos
Endesa Empresa Nacional de Electricidad S.A.
ESG Escola Superior de Guerra
Faap Fundação Armando Álvares Penteado
FAO Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura
Fapesp Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
Farc Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia
FAT Fundo de Amparo ao Trabalhador
FBI Federal Bureau of Investigation
FED Federal Reserve
Fenaj Federação Nacional dos Jornalistas
Fenaseg Federação Nacional das Empresas de Seguros Privados e de
Capitalização e Previdência Complementar Aberta
FGTS Fundo de Garantia por Tempo de Serviço
FGV Fundação Getúlio Vargas
Fiemg Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais
Fiesp Federação das Indústrias do Estado de São Paulo
Finam Fundo de Investimentos da Amazônia
Finep Financiadora de Estudos e Projetos
Firjan Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro
Flacso Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales
FMI Fundo Monetário Internacional
FNT Fundo Nacional de Transportes
Fonplata Fondo Financiero para el Desarrollo de la Cuenca del Plata
Fride Fundação para as Relações Internacionais e Diálogo Exterior
Funasa Fundação Nacional de Saúde
Fundef Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de
Valorização do Magistério
G15 Grupo dos Quinze
G20 Grupo dos Vinte
G7 Grupo dos Sete

- G77** Grupo dos 77
G8 Grupo dos Oito
Gerasul Centrais Geradoras do Sul do Brasil S.A.
Gestapo Geheime Staatspolizei
Globopar Globo Comunicações e Participações S.A.
GSI Gabinete de Segurança Institucional
Ibama Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
Ibeac Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário
Ibope Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
ICMS Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços
IDA International Development Association Fund
Idec Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor
Idesp Instituto de Estudos Econômicos, Sociais e Políticos de São Paulo
IDH Índice de Desenvolvimento Humano
IDS Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá
Iedi Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial
IFHC Instituto Fernando Henrique Cardoso
Inae Instituto Nacional de Altos Estudos
InCor Instituto do Coração da Universidade de São Paulo
Incra Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
Infraero Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária
Inmetro Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia
Inpa Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia
Inpe Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
INSS Instituto Nacional do Seguro Social
IOF Imposto sobre Operações Financeiras
IPCA Índice de Preços ao Consumidor Amplo
Ipea Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
IR Imposto de Renda
IRPJ Imposto sobre a Renda das Pessoas Jurídicas
IS Internacional Socialista
ISS Imposto sobre Serviços de Qualquer Natureza
ITA Instituto Tecnológico da Aeronáutica
IUCN International Union for Conservation of Nature
IUPERJ Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro
IVA Impuesto al Valor Agregado
LDO Lei de Diretrizes Orçamentárias
MAB Movimento dos Atingidos por Barragens
MAE Mercado Atacadista de Energia
Masp Museu de Arte de São Paulo
MDB Movimento Democrático Brasileiro

Mercosul Mercado Comum do Sul
Metasa Metais Seridó S.A.
MIR Movimiento de Izquierda Revolucionaria
MIT Massachusetts Institute of Technology
MNR Movimiento Nacionalista Revolucionario
MOMA Museum of Modern Art
MP Medida Provisória
MPLA Movimento Popular de Libertação de Angola
MST Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Nafta North America Free Trade Agreement
Nato Organização do Tratado do Atlântico Norte
OAB Ordem dos Advogados do Brasil
Oban Operação Bandeirante
OEА Organização dos Estados Americanos
OIT Organização Internacional do Trabalho
OLP Organização para a Libertação da Palestina
OMC Organização Mundial do Comércio
ONG Organização Não Governamental
ONS Operador Nacional do Sistema Elétrico
ONU Organização das Nações Unidas
Opaq Organização para a Proibição de Armas Químicas
Otan Organização do Tratado do Atlântico Norte
PAN Partido Acción Nacional
PCB Partido Comunista Brasileiro
PCC Plano de Classificação de Cargos
PCdoB Partido Comunista do Brasil
PCI Partido Comunista Italiano
PDT Partido Democrático Trabalhista
PDVSA Petróleos de Venezuela S.A.
PEC Proposta de Emenda Constitucional
Peti Programa de Erradicação do Trabalho Infantil
Petrobras Petróleo Brasileiro S.A.
Petroquisa Petrobras Química S.A.
Petros Fundação Petrobras de Seguridade Social
PFL Partido da Frente Liberal
PGR Procuradoria-Geral da República
PIB Produto Interno Bruto
PIS Programa Integração Social
PJ Pessoa Jurídica
PL Partido Liberal
PL Projeto de Lei

- PM** Polícia Militar
- PMDB** Partido do Movimento Democrático Brasileiro
- PNAD** Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
- PNDH** Programa Nacional de Direitos Humanos
- PNUD** Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
- PPA** Plano Plurianual de Investimentos
- PPB** Partido Progressista Brasileiro
- PPS** Partido Popular Socialista
- Previ** Caixa de Previdência dos Funcionários do Banco do Brasil
- PRI** Partido Revolucionário Institucional
- Prisa** Promotora de Informações S.A.
- Procon** Programa de Proteção e Defesa do Consumidor
- Prodasen** Secretaria de Tecnologia da Informação do Senado
- Prodescon** Programa de Desenvolvimento Sustentável do Centro-Oeste Mineiro
- Prodetur** Programa de Desenvolvimento do Turismo
- Proer** Programa de Estímulo à Reestruturação e ao Fortalecimento do Sistema Financeiro Nacional
- Proex** Programa de Financiamento às Exportações
- Pronaf** Programa Nacional de Agricultura Familiar
- Protec** Sociedade Brasileira Pró-Inovação Tecnológica
- PSB** Partido Socialista Brasileiro
- PSDB** Partido da Social Democracia Brasileira
- PSOE** Partido Socialista Obrero Español
- PSTU** Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
- PT** Partido dos Trabalhadores
- PTB** Partido Trabalhista Brasileiro
- PV** Partido Verde
- Refis** Programa Especial de Regularização Tributária das Microempresas e Empresas de Pequeno Porte Optantes pelo Simples Nacional
- S.A.** Sociedade Anônima
- Saab** Svenska Aeroplan AB
- SBPC** Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
- SADC** Southern Africa Development Community
- SBT** Sistema Brasileiro de Televisão
- SDE** Secretaria de Direito Econômico do Ministério da Justiça
- SDR** Special Drawing Rights
- Sebrae** Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
- Secom** Secretaria de Comunicação Social da Presidência
- Selic** Sistema Especial de Liquidação e Custódia
- Senad** Secretaria Nacional Antidrogas
- Senai** Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

- Serpro** Serviço Federal de Processamento de Dados
- Sesc** Serviço Social do Comércio
- Simples** Sistema Integrado de Pagamento de Impostos e Contribuições das Microempresas e Empresas de Pequeno Porte
- SIN** Serviço de Inteligência Nacional
- Sindipeças** Sindicato Nacional da Indústria de Componentes para Veículos Automotores
- Sindmóveis** Sindicato das Indústrias do Mobiliário de Bento Gonçalves
- Sipam** Sistema de Proteção da Amazônia
- Sivam** Sistema de Vigilância da Amazônia
- SNI** Serviço Nacional de Informações
- Sofofa** Sociedad de Fomento Fabril
- Sort** Tratado entre os Estados Unidos da América e a Federação Russa sobre Reduções de Armamento Estratégico
- SPD** Sozialdemokratische Partei Deutschlands (Partido Social-Democrata Alemão)
- STF** Supremo Tribunal Federal
- STJ** Superior Tribunal de Justiça
- Sudam** Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia
- Sudene** Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste
- SUS** Sistema Único de Saúde
- TAM** Táxi Aéreo Marília S.A.
- TCU** Tribunal de Contas da União
- TDA** Título da Dívida Agrária
- Tiar** Tratado Interamericano de Assistência Recíproca
- TIM** Telecom Italia Mobile
- TPA** Autoridade para Promoção Comercial
- TPI** Tribunal Penal Internacional
- TRF** Tribunal Regional Federal
- Trips** Agreement on Trade-Related Aspects of Intellectual Property Rights
- TRT** Tribunal Regional do Trabalho
- TSE** Tribunal Superior Eleitoral
- TST** Tribunal Superior do Trabalho
- UCR** Unión Cívica Radical
- UDN** União Democrática Nacional
- UFF** Universidade Federal Fluminense
- UFMA** Universidade Federal do Maranhão
- UFMG** Universidade Federal de Minas Gerais
- UFRJ** Universidade Federal do Rio de Janeiro
- UnB** Universidade de Brasília
- Unctad** United Nations Conference on Trade and Development
- Unesco** Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

- Unicamp** Universidade Estadual de Campinas
Univasf Universidade Federal do Vale do São Francisco
UOL Universo Online
URSS União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
URV Unidade Real de Valor
Usiminas Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais S.A.
USP Universidade de São Paulo
USTR United States Trade Representative
Varig Viação Aérea Rio-Grandense S.A.
WWF World Wildlife Fund
YPF Yacimientos Petrolíferos Fiscales S.A.

FERNANDO
HENRIQUE
CARDOSO
DIÁRIOS
DA 2001
PRESIDÊNCIA

Estes *Diários* contam com notas de edição que têm por objetivo situar o leitor acerca de acontecimentos não totalmente explicitados na narrativa, bem como apresentar informações biográficas necessárias para a compreensão do contexto. Alguns poucos personagens não puderam ser identificados.

*Sucessão das Mesas do Congresso.
Procuradores criticam medida provisória.
Conversa com João Roberto Marinho*

Hoje é dia 2 de janeiro. Voltamos da fazenda* ontem, assistimos a um filme fantástico do Cirque du Soleil, a apresentação desse grupo canadense em Amsterdam,** no sistema novo de televisão colorida*** que há no palácio.

Hoje de manhã, recebi o Pimenta [João Pimenta da Veiga Filho],**** que veio com a proposta do [Jorge] Bornhausen,***** diz ele que com apoio do Michel Temer,***** contando que os dois partidos passariam a mim a responsabilidade da escolha das pessoas que seriam presidentes do Senado e da Câmara.***** Isso vai dar confusão no PSDB na mesa do Congresso. O Pimenta acha boa ideia. Marquei então para amanhã uma reunião com o Pimenta, o Jorge Bornhausen e também com o Michel Temer, o Marco Maciel***** e o Aloysio [Nunes Ferreira]*****, para discutir-se mais em profundidade essa questão.

Trabalhei bastante. Chamei Pedro Parente,***** para começar a reorganizar o trabalho administrativo, falei com Martus [Tavares]***** pelo telefone, marquei encontro com eles todos, para botar em ação meu plano de dobrar os esforços de trabalho durante este ano.

Por telefone falei com o Felipe González,***** que muito amavelmente me desejou boas-festas. Manifestou preocupação com o que possa acontecer na Argentina.***** Os argentinos têm muita ligação com o Banco Santander, que comprou o Banespa, e o banco tem muita confiança no Brasil, mas anda preocupa-

* Fazenda Córrego da Ponte, em Buritis (MG), propriedade da família do presidente, onde passou o réveillon de 2001.

** *Quidam* (1999), adaptação para as telas do espetáculo homônimo, dirigida por David Mallet.

*** Sistema de home theater com DVD, então uma novidade.

**** Ministro das Comunicações e articulador político do governo.

***** Senador (PFL-SC) e presidente nacional do partido.

***** Deputado federal (PMDB-SP) e presidente da Câmara.

***** As eleições das Mesas do Congresso estavam marcadas para 14 de fevereiro.

***** Vice-presidente da República (PFL).

***** Ministro da Secretaria-Geral da Presidência.

***** Ministro-chefe da Casa Civil da Presidência.

***** Ministro do Planejamento.

***** Ex-presidente do governo espanhol (1982-96) e deputado socialista.

***** Desde o ano anterior, o vizinho platino enfrentava uma grave crise política e econômica, decorrente da instabilidade da base de apoio parlamentar do presidente Fernando de la Rúa e da recessão prolongada.

do com a Argentina. Eu disse ao Felipe que minha preocupação é mais política do que econômica, ele concorda.

Recebi também uma carta muito amável do [Antônio] Guterres,* de fim de ano. O resto são as notícias normais, as intrigas de sempre, insinuações por causa do nome da Petrobras, nós voltamos atrás, não vai ser mais Petrobrax,** e querem fazer muita fofoca ao redor disso, mas sem maior profundidade.

Os procuradores da República estão fazendo agitação, reclamando por causa de uma medida provisória que permite aos juízes até multarem os procuradores se eles acusarem alguém sem base.*** Para eles é possível acusar sem base e não acontecer nada; se houver base, um indício pelo menos, vá lá, mas não tendo... Os procuradores dizem que multá-los seria cerceamento da liberdade. Liberdade para quê? Para caluniar? Não obstante, a imprensa sempre apoia esse tipo de reivindicação. Um rapaz, jornalista de boa cotação, chamado Vinicius Torres [Freire], que me entrevistou aqui uma vez, publicou ontem um artigo na *Folha* lamentável.**** Não entende o bê-á-bá da democracia. Aconselhei que lesse o livro de um mexicano a respeito desse tema,***** porque é um livro muito interessante, que mostra que, quando a falta de autoridade e de respeito à lei se generaliza, como ocorre com essa descrença que foi gerada no México e também no Brasil, isso afeta a democracia. Ela requer também respeito à lei, à autoridade. Não deve ser disseminado esse sentimento de culpa permanente, que impede o exercício da lei.

Fora isso, li também um livro de José Louzeiro, creio que se chama assim, *O anjo da fidelidade*.***** É sobre o Gregório Fortunato,***** o livro é interessante, mostra um ângulo da tentativa de assassinato do Carlos Lacerda que eu não conhecia. O Gregório Fortunato, coitado, foi o boi de piranha, acabou sendo assassinado. O livro mostra também os aspectos terríveis da família Vargas, porque o Benjamim

* Primeiro-ministro de Portugal.

** O presidente da Petrobras, Henri Philippe Reichstul, anunciara no final de 2000 a mudança do nome e da marca da empresa para facilitar sua inserção internacional. Mas o governo voltou atrás diante da repercussão negativa.

*** A MP 2088-35, baixada em 28 de dezembro de 2000, alterou a lei nº 8429, de 2 de julho de 1992, para permitir que procuradores que propusessem ação de improbidade administrativa “manifestamente impropriedade” fossem punidos com multa de até R\$ 151 mil (cerca de R\$ 500 mil em 2019) pelo juiz ou tribunal do caso, a pedido do réu. No final de janeiro, o presidente baixou nova MP para anular os artigos relativos à punição de procuradores.

**** “Governo improcedente”, na página de Opinião do jornal paulistano, com críticas à MP 2088-35.

***** *México: La ceniza y la semilla*, de Hector Aguilar Camín (Cidade do México: Cal y Arena, 2000). Em 2002, o livro foi publicado no Brasil pela BEI com o título *México: A cinza e a semente* e prefácio de Fernando Henrique.

***** *O anjo da fidelidade: A história sincera de Gregório Fortunato*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000.

***** Chefe da guarda pessoal do presidente Getúlio Vargas desde 1938, foi condenado em 1956 por encomendar o assassinato do jornalista Carlos Lacerda, opositor do varguismo, em agosto de 1954. Foi assassinado na prisão em 1962.

Vargas* era realmente uma pessoa de baixíssima compostura, metido em contrabando. O Viriato Vargas** também não era lá flor que se cheirasse e, eu tinha esquecido, o Lutero [Vargas]*** se casou com uma alemã que era espã nazista,**** enfim, uma série de coisas. Imagino o quanto o Getúlio tenha sofrido no exercício do poder no meio dessa parentela toda.

HOJE É DIA 4 DE JANEIRO DE 2001. Na verdade ontem, dia 3, quarta-feira, foi um dia bastante agitado. À parte a rotina, que não adianta estar registrando, recebi à tarde, a pedido do Pimenta, o Bornhausen, o Marco Maciel, o Michel Temer e o Aloysio. O Aloysio e o Marco Maciel já conversaram com Temer sobre a seguinte proposta: todos os partidos abrem mão da condução no Congresso do processo da eleição das mesas e passam a responsabilidade para mim. Eu já havia conversado com Pimenta na véspera e hoje conversei com Aloysio, que me aconselhou cautela, conduta que tive. Eu disse: “Se houver uma delegação formal dos partidos, pode ser que as cartas se embaralhem de novo; vamos então tentar a solução por esse caminho, mas eu vou ficar na retranca”. Bem, a imprensa sabia, estava aqui. Hoje de manhã vi pela imprensa que está se tentando zerar tudo. Já alguém deu com a língua nos dentes. Eu direi, através do porta-voz,***** hoje, que continuo na mesma, a questão é dos partidos, se não se movem eu não me movo. Isso foi à tarde.

No jantar vieram Pedro Malan,***** Pedro Parente, Aloysio e Armínio Fraga.***** O dia foi de grandes comemorações: o FED cortou a taxa de juros,***** a Standard & Poor’s classificou melhor o Brasil,***** o dólar despencou,***** os juros caíram,***** as bolsas subiram,***** enfim um panorama bonito. Isso mostra a volatilidade não da economia, mas da percepção sobre a economia. É o que hoje acontece com essa multimídia, a informação fragmentada: um dia o ânimo está para

* Irmão de Getúlio Vargas.

** Irmão de Getúlio Vargas.

*** Filho de Getúlio Vargas.

**** Ingeborg ten Haeff.

***** Georges Lamazière.

***** Ministro da Fazenda.

***** Presidente do Banco Central.

***** O banco central norte-americano baixou a taxa básica de juros de 6,5% para 6% ao ano, gerando otimismo nos mercados emergentes.

***** A agência de classificação de risco elevou a nota da dívida brasileira de longo prazo de B+ para BB-, três níveis abaixo do “grau de investimento”.

***** A moeda norte-americana recuou 0,6% e fechou em R\$ 1,93.

***** Os contratos de juros futuros fecharam com taxa de 15,9%, contra 16,2% no dia anterior. A taxa básica (Selic) era de 15,75% e baixaria 0,5 p.p. na semana seguinte.

***** A Bolsa de São Paulo acompanhou os mercados mundiais e saltou 7,61%, a maior alta em quase dois anos. O índice Nasdaq da Bolsa de Nova York teve alta histórica de 14,2%.

cima, no outro está para baixo, é difícil para as pessoas que não têm noção da mecânica da acumulação do capital entenderem o que acontece. Ontem foi dia de euforia.

Mas não foi isso o que discutimos; claro, a euforia ajuda, mas não resolve. Arminio é macaco velho, sabe que pode haver uma precipitação de euforia. O que nós discutimos mesmo foi o programa, o que fazer nos próximos dois anos. Eu tinha tido essa conversa com o Pedro Parente de manhã, e com Martus, que eu havia recebido longamente para discutir o orçamento. Tenho clareza, até já escrevi, sobre o que quero fazer, mas é bom que todos participem da elaboração desse programa. Não se trata de programa novo, mas da execução do programa. Não há muita discordância, entramos em todos os pontos delicados, inclusive o da relação entre o ministro da Fazenda e o ministro de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior,* a questão do Banco do Brasil, que está com a condução muito enrijecida e precisa de uma mudança, e em outras questões que também não são fáceis, como a reforma tributária;** vamos começar a ter uma discussão mais franca entre os ministros mais próximos. Enfim, começa um clima mais positivo, preciso formalizar isso para explicar ao país que esses dois anos serão de muito trabalho e de continuidade de mudanças e reformas estruturais da economia. Enfim, não se trata de um *lame duck**** no poder, mas de alguém que está concluindo uma etapa importante de transformações do Brasil. Essa é a proposta que vamos tentar levar com galhardia até o final.

Em tempo: anteontem, quando o Felipe González me telefonou para me desejar boas-festas, ele me disse que eu deveria falar com uma pessoa que ele conhece bem, o presidente do conselho do Banco Santander.**** Esse homem me telefonou ontem e marquei um encontro; ele está muito entusiasmado com o Brasil e muito preocupado com a Argentina. A Argentina continua a ser meu objeto de preocupação. Eu disse ao Felipe, com franqueza, que me parece se tratar de um problema de condução política; não é só a questão econômica. Ele concorda. Só que os argentinos não têm solução a curto prazo. Como a condução política é importante neste mundo tão escorregadio em que vivemos!

Eu disse que havia lido um livro de um Giusti do Rio Grande do Sul***** sobre condução partidária, muito confuso, muito teórico, de boa-fé, mas escrito por quem não conhece a realidade concreta da vida política. Entretanto, alguns comentários que ele faz são interessantes. Primeiro, ele é muito favorável ao voto

* Alcides Tâpias.

** Com a tramitação atrasada por impasses entre governo, Congresso e empresários, o texto da PEC 175/95 permanecia em análise numa comissão especial e acabou não sendo colocado em votação no plenário da Câmara. Foi arquivado em 2003.

*** "Pato manco", em inglês, expressão que designa governantes desprestigiados em fim de mandato.

**** Francisco Luzón.

***** José Antônio Giusti Tavares. *Sistemas eleitorais nas democracias contemporâneas: Teoria, instituições, estratégia*. Rio de Janeiro: Relume Dumarã, 1994.

proporcional e diz o que todos nós sabemos: que a mancha do voto proporcional no Brasil é a desproporção entre o número de eleitores e as representações nos vários estados. Todo mundo sabe que isso é quase impossível de se modificar. Depois ele diz que o parlamentarismo é o melhor regime. Certo. Mas como fazer para obtê-lo? Segundo, ele mostra a tendência à fragilização do apoio político em função desse regime que abriga ao mesmo tempo o voto proporcional, mantém a federação e é multipartidário. É verdade. E diz que é preciso fazer mudanças tópicas na legislação eleitoral. Concordo com ele. Na realidade, ele comenta umas questões do Sérgio Machado,* e comenta de maneira curiosa, porque ele não é contra. Até pensei que fosse; não, não é. Mas chama a atenção para as coligações e propõe uma saída diferente: talvez fosse possível permitir coligações em eleições proporcionais, desde que houvesse proporcionalidade dentro da coligação. Ou seja, se o partido aliado menor não faz o coeficiente mínimo para eleger um deputado, ele não elege aquele deputado mesmo que tenha mais votos que os votos recebidos por alguns deputados do partido mais forte. Uma questão a examinar. Interessante, todos falam da fragilidade da base congressual, não sei o quê. Um texto que o Pedro Malan me entregou ontem fala da fragilidade política do governo, do sistema. Não é verdade, o Congresso aprovou tudo o que quisemos, tudo, sem exceção. Foi difícil, como em todo Congresso, mas houve uma votação maciça a favor de nossos projetos, portanto não há crise de governabilidade por causa da fragmentação partidária. O que há é outra coisa: não existe partido. Os deputados votam, e votam guiados geralmente por uma linha divisória: governo ou oposição. Existe certa coerência desse ponto de vista. Difícilmente outro governo da República teve tanto apoio quanto eu tenho tido. Não se trata disso, falar da fragilidade da base é um equívoco, repito o que disse outro dia. Existe, sim, uma disputa nas cúpulas da base do governo; a base continua votando direitinho, como sempre votou.

HOJE É SÁBADO, DIA 6 DE JANEIRO, vamos retomar. Primeiro, uma correção. Na reunião havida aqui na quarta-feira, dia 3, com os líderes partidários, a ideia que seria de Marco Maciel, de renúncia [dos presidentes da Câmara e do Senado], que me entregariam a condução do processo, acho que é mais do Jorge Bornhausen. A repercussão dessa reunião foi a pior possível. O Aécio [Neves]** disse que não renuncia, o Jader [Barbalho]*** está nervoso, e por quê? Porque falaram todos; todos, não. Saiu no jornal que eu iria assumir a condução do processo, que haveria renúncia de todo mundo, nada disso foi efetivamente combinado, mas saiu. Até pensei

* Senador (PSDB-CE) e líder do PSDB no Senado.

** Deputado federal (PSDB-MG), líder do partido na Câmara e candidato à presidência da Casa.

*** Senador (PMDB-PA), presidente nacional do partido e candidato à presidência do Senado.

que houvesse ocorrido algum vazamento do PFL,^{*} entretanto, falando por telefone com Pimenta ontem, ele acha que o mais provável é que o Michel Temer tenha comentado com o Moreira [Wellington Moreira Franco]^{**} e que o Moreira Franco tenha vazado. Não sei. São presunções, mas o fato é que a mais alta liderança política do Brasil vem ao presidente da República e no dia seguinte está tudo estampado nos jornais, e não para facilitar o trabalho combinado, mas dificultando, quase impedindo o trabalho que ficou acertado.

À parte essa choradeira, anteontem, quinta-feira, dia 4, recebi longamente Rubens Barbosa.^{***} Ele veio com boas ideias, deixou uns documentos sobre a Alca,^{****} sobre o que fazer com a política exterior do Brasil. Eu gosto do Rubens, ele é um bom embaixador. Não o nomeio ministro das Relações Exteriores porque não há clima no Itamaraty. O Itamaraty é complicado, Rubens não tem apoios, iria ser uma luta permanente. Mas o Rubens é bom, é trabalhador. Almocei, nessa mesma quinta-feira, com o Sérgio Amaral.^{*****} Queria alertar o Sérgio de que seria difícil conduzi-lo ao ministério por causa do meu relacionamento com o Celso Lafer^{*****} e das expectativas itamaratianas.

Entretanto, na conversa achei que o melhor seria colocar o Sérgio Amaral. Vamos ver como vou fazer isso. [Luiz Felipe] Lampreia^{*****} virá aqui no dia 10, semana que vem, aí vou ter que resolver.

Fora essas questões, recebi de manhã o Raul Jungmann^{*****} e fizemos uma apresentação dos avanços da reforma agrária.^{*****} São impressionantes, vi pela televisão, foi detalhado, o Raul é um bravo. Ele fez um trabalho extraordinário na reforma agrária, isso um dia vai ser reconhecido.

À tarde, recebi o Humberto Mota,^{*****} que veio falar sobre a situação do Rio e pediu apoio para a Rede Vida de televisão, ele até gostaria de trabalhar na Rede Vida. Fez um bom panorama sobre a situação do Rio de Janeiro também. Nessa mesma quinta-feira, tive um jantar com Vilmar [Faria].^{*****} Passamos em revista as coisas, nada de especial.

* Partido da Frente Liberal, fundado em 1985 e extinto em 2007 para a criação do Democratas (DEM).

** Assessor especial da Presidência.

*** Embaixador do Brasil nos EUA.

**** Área de Livre Comércio das Américas, cuja criação fora acertada pelos países do continente na 1ª Cúpula das Américas, em 1994. A Alca entraria em vigor em 2005, mas os EUA desejavam antecipar sua implantação para 2003.

***** Embaixador do Brasil no Reino Unido e ex-porta-voz da Presidência (1995-99).

***** Embaixador e ex-ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (1999).

***** Ministro das Relações Exteriores.

***** Ministro do Desenvolvimento Agrário.

***** O governo anunciou que 482 mil famílias foram assentadas entre 1995 e 2000, mais que o dobro do total das três décadas anteriores. As áreas desapropriadas somavam 18 milhões de hectares, com R\$ 11,3 bilhões investidos por Brasília.

***** Presidente do grupo Sendas e da Associação Comercial do Rio de Janeiro.

***** Assessor especial da Presidência para a área social.

Ontem, dia 5, foi uma sexta-feira absolutamente calma. Claro, os procuradores continuam exacerbando na reação, estão pedindo meu impeachment porque fiz uma medida provisória.* Não tem base, não tem pé nem cabeça, o Brasil está realmente de pernas para o ar em matéria de compreensão do que seja democracia e quais sejam os limites da ação de cada um. É como se os procuradores não fossem submetidos a regra alguma, quer dizer, eles têm o direito de difamar, têm direito a isso e aquilo. Ninguém está limitando nem cerceando a investigação, nem mesmo, obviamente, a acusação. Estou dizendo o seguinte: investiguem mais e acusem com base, senão o Ministério Público se desmoraliza, vira uma trincheira meramente política ou então de exibicionismo pessoal. Essa é a realidade, mas isso não aparece assim, porque a mídia também tem interesse nessa espécie de promiscuidade com eles para fazer fatos, fazer barulho. O diabo é que o governo acaba aparecendo como se fosse contra a investigação da corrupção e não é nada disso. Somos contra caluniar sistematicamente o governo.

Fora isso, as bolsas em Nova York caíram ontem,** então está se vivendo um clima difícil na economia americana, e razão tinha Armínio Fraga de botar as barbas de molho para ver melhor.

Isso foi ontem, sexta-feira, um dia calmo. Almocei com Tasso [Jereissati],*** três horas de conversa, em geral bem-humoradas, e falamos juntos por telefone com o Geraldo Alckmin,**** porque o Tasso conhece um médico na reitoria da Universidade Federal do Ceará que tem desenvolvido uma droga capaz de evitar metástases de câncer. O [Mário] Covas***** já está no estágio da doença em que vale tudo para curá-la. Falamos com Geraldo Alckmin para dizer que é preciso tentar mais alternativas clínicas e ver se o Mário tem alguma saída. Além disso, conversamos bastante sobre a liderança da Câmara. Chegamos a um nome razoável, que é a Yeda Crusius.***** Aí telefonei para o Arthur Virgílio,***** o Arthur também sugeriu a Yeda. À tarde, recebi o Márcio Fortes***** e tive boa impressão do que estão fazendo no PSDB. O Márcio é um homem correto, animado, e também acha que deve ser a Yeda, ou seja, alguém que tenha posição política e não apenas conheça o manejo fisiológico da bancada. Pareceu-me uma coisa boa que eles estejam pensando assim. O Tasso, o Arthur Virgílio, todo o partido, concordam; há essa preocupação. Tasso, evidentemente, é candidato [a presidente]. Não me falou isso, mas obviamente está eufórico, está

* Trata-se da MP 2088-35/2000.

** O índice Dow Jones caiu 2,3% e o Nasdaq 6,2%, diante de dados desanimadores sobre desemprego e inflação na economia norte-americana, que entrou em recessão em março de 2001.

*** Governador do Ceará (PSDB).

**** Vice-governador de São Paulo (PSDB).

***** Governador de São Paulo (PSDB). Covas sofria de câncer na região pélvica desde 1998.

***** Deputada federal (PSDB-RS).

***** Deputado federal (PSDB-AM), líder do governo no Congresso.

***** Deputado federal (PSDB-RJ), secretário-geral do partido.

mais satisfeito com a vida. E acha que o Ciro Gomes* não pode ter apoio do PMDB, senão se desmoraliza. Do PTB, sim, ele concorda comigo que temos que evitar que o PTB apoie o Ciro, mas achei o Tasso muito animado. Queixou-se do [José] Serra,** disse que recebeu uma saraivada de críticas porque o Covas o lançou. Eles atribuem ao Serra muita coisa, não sei, acho que é demais. Embora o Serra tenha capacidade de atuar na imprensa, não é tanto assim.

À noite, com o Pedro Malan, passamos em revista a reunião que tivemos com Pedro Parente. O Pedro Malan me parece mais disposto a ficar no governo. Quando ele estava saindo, eu disse: “Pedro, estou entendendo que você vai ficar até o fim!”. E ele: “Ah! se a minha saúde permitir, ou até quando permitir...”. Ou seja, vai ficar! Passamos em revista tudo: a reforma tributária, ponto por ponto, aquelas coisas todas, porque o Pedro também é do gênero Serra, é do gênero bovino: eles ficam ruminando, não vão no impulso. Isso é bom, o Ulysses Guimarães*** sempre dizia isto: os políticos são ruminantes.

Hoje é sábado, passei a manhã aqui arrumando papéis como de hábito, lendo algumas coisas, e agora estou esperando para almoçar com o Zé Gregori [José Gregori],**** o Pedro Paulo Poppovic,***** o [Luiz Felipe] Seixas Corrêa,***** o Jorio Dauster***** e também o Marcito Alves [Márcio Moreira Alves]***** e a mulher.***** Ruth está em São Paulo, amanhã irá pegar as crianças no Rio de Janeiro. E para não ficar o dia inteiro sem ver ninguém, de papo para o ar, achei uma boa ideia chamar essa turma para comer um leitão que prepararam aqui no palácio.

Uma nota ao pé de página: vi no Ancelmo Gois, no *Jornal do Brasil* de hoje, uma referência a que Eduardo Jorge***** foi para os Estados Unidos, para Nova York, de primeira classe. Até aí tudo bem, mas tinha também um passaporte vermelho.***** Essas pequenas coisas é que fazem o mal; como dizem, o diabo está nos detalhes. Primeiro, por que ir de primeira classe? Não sei se é verdade. Ruth andou com meus netos em classe econômica. Quando íamos à Europa, pagávamos a classe econômica ou, quando podíamos, a executiva, nunca na primeira; às vezes, por gentileza, fazem um upgrade. Essas pequenas coisas realmente complicam a vida das pessoas, e à toa.

* Ex-governador do Ceará e presidenciável pelo PPS.

** Ministro da Saúde.

*** Ex-presidente da Assembleia Constituinte (1987-88) e pemedebista histórico.

**** Ministro da Justiça.

***** Secretário de Educação à Distância do Ministério da Educação.

***** Secretário-geral do Itamaraty.

***** Presidente da Vale.

***** Ex-deputado federal (1967-68), colunista de *O Globo*.

***** Marie Breux Moreira Alves.

***** Ex-secretário-geral da Presidência (1995-98) e coordenador da campanha à reeleição de Fernando Henrique.

***** Isto é, diplomático.

Continuação do sábado 6 de janeiro. Dia de Reis. Tive um almoço longo aqui, como disse, com vários amigos. Foi muito agradável e depois fiquei conversando com [Nelson] Jobim* e com a mulher do Jobim,** que hoje é quem dirige o Coaf, o conselho que controla a lavagem de dinheiro. Foi uma conversa boa, porque vi que avançamos muito nessa questão; acho que ela está fazendo um bom trabalho, vai colocar em risco a posição de certos líderes políticos, pelo que deduzo da conversa que tivemos. Não quero entrar em detalhes, porque ainda estão sendo verificados, mas parece que estamos aperfeiçoando bastante os controles dessas matérias.

Queria dizer coisas que não são habituais nestes registros. Aproveito o fato de estar sozinho, vai chegar meu primo Carlos Joaquim Ignácio [Cardoso]. Ruth está em São Paulo, estou ouvindo um pouco de música, o Bola de Nieve, um cantor e pianista cubano de quem gosto muito. Olhando a sala onde vivo a maior parte do tempo quando estou aqui no Palácio da Alvorada, no segundo andar. Pensei que talvez no futuro eu tenha saudades deste local. Estou cercado de quadros de que gosto. Alguns são meus, outros são do palácio. Temos nas paredes um [Alfredo] Volpi antigo muito interessante, em vermelho, que pertence ao Banco Central; ao lado dele, do Museu Nacional de Belas Artes, um Eliseu Visconti extraordinário, chama-se *Revoada de pombos*, muito bonito; depois um pequeno quadro de um holandês que nos foi dado pela Vera Pedrosa;*** depois temos dois quadros, um grande, outro menor, do [Arthur Luiz] Piza, são gravuras, o grande foi dado pelo Piza a nós e o outro foi presente do Celso Lafer, são bonitos; tem um de um português**** que o Mário [Soares]***** me deu há muitos anos, de que eu gosto demais, chama-se... não sei nem dizer o nome exato, é uma homenagem a alguém, Cesário Verde, um nome esquisito que estou tentando ler mas não consigo, está há muitos anos comigo; há uns de [Aldo] Bonadei de que gosto bastante, são dois Bonadei, aliás: um chamado *Morro de Ubatuba*, que é do Banco Central, e outro muito mais bonito, de melhor qualidade, uma natureza-morta, também do Banco Central; em seguida, vem uma cabeça negra que nos foi dada por quem fora embaixador na África, que hoje é embaixador do Brasil no Vaticano;***** depois um extraordinário Portinari, um Portinari parecido com o que Severo Gomes***** tinha e que eu creio está agora na casa do Roberto Marinho, chama-se *Figura em paisagem*, é do Banco Central, é uma paisagem quase surrealista do Portinari, não dá para ver a data em que foi feito,***** mas é muito bonito; em seguida, temos um quadro da

* Ex-ministro da Justiça (1995-97) e ministro do Supremo Tribunal Federal.

** Adrienne Senna.

*** Embaixadora do Brasil no Equador.

**** Mário Cesariny.

***** Ex-presidente de Portugal (1986-96).

***** Marco César Naslauský.

***** Empresário, ex-deputado constituinte e ex-senador por São Paulo.

***** O óleo sobre tela e madeira data de 1938.

Isabel Pons; e na outra parede, descrevi já duas, na outra parede temos um do [Daniel] Senise que é meu, é muito bom; e dois Bonadei, que ele mesmo me deu, são gravuras coloridas muito bonitas também; fora isso, há uma cabeça africana muito bonita; e um cavalo chinês. Ficou um ambiente que com o tempo parece ser quase como a casa da gente.

É estranha essa relação entre palácio e titular. No começo tudo era muito frio, distante, desagradável, e pouco a pouco foi tomando o jeito mais da Ruth — no caso não o meu —, ficou tudo muito bonito. É o que está acontecendo. Eu descrevi rapidamente a parte de cima do Alvorada. Nós ficamos na sala lá em cima, onde há uma mesa grande, bonita, é nela que eu trabalho, e uma mesa redonda, onde tomamos café de manhã. Na realidade escrevo na mesa de jantar, nunca na escrivaninha. Toda a parte de cima do Alvorada está muito agradável. E embaixo, depois que a Ruth e o Fred [Frederico Araújo]* revolveram muito as coisas, com a ajuda da Regina Meyer, da Vera Pedrosa e do Emanuel Araújo,** o palácio ficou realmente com jeito de palácio. Está bonito!

HOJE É QUARTA-FEIRA, DIA 10 DE JANEIRO. Na segunda-feira, rotina de gravação de rádio*** etc. De manhã, tive um longo despacho com o [José Paulo] Silveira**** e com Martus sobre as prioridades no ano 2001. Depois, à tarde, tive uma reunião com o Pedro Malan e o Martus para discutirmos a aprovação do Plano Nacional de Educação,***** essas coisas do Brasil, aprovaram o Plano, que é um livro! Tornaram lei coisas subjetivas! E, no meio disso, compromissos fiscais enormes que não foram discutidos. Só que essa parte vai ter que ser vetada, mas o plano é bom.

Depois recebi o Fernando Gasparian***** com Varujan Burmaian,***** um armênio importante de São Paulo que no fundo quer que se abra uma embaixada na Armênia, e talvez queira ser embaixador. E até pode! Não conheço a Armênia, terei que me informar.

Depois tivemos uma longa reunião com Pedro Malan, Tápias, Seixas Corrêa e Pedro Parente, para discutir a questão encrocada dos créditos ao Equador. É complicado, porque o Equador tem uma dívida grande com o Brasil — e não é só o Equador. Somos

* Embaixador, chefe do Cerimonial da Presidência.

** Diretor da Pinacoteca do Estado de São Paulo.

*** Fernando Henrique gravava semanalmente o programa *Palavra do Presidente*, transmitido pela Radiobrás.

**** Coordenador nacional do programa *Avança Brasil*, gerido pelo Ministério do Planejamento, com metas de desenvolvimento econômico e social para o período 2000-07 incluídas em 358 projetos e gastos previstos de us\$ 165 bilhões.

***** Lei nº 10 172, de 9 de janeiro de 2001, com uma série de metas para o setor no período 2001-11. O presidente vetou nove itens do texto por razões orçamentárias.

***** Ex-deputado constituinte e proprietário da editora Paz e Terra.

***** Fundador e presidente do grupo Sofisa.

credores de mais ou menos 5% do PIB do Equador, e eles querem aumentar essa dívida. As empresas brasileiras estão vendendo como se tivessem garantias do governo brasileiro. Chegamos a um termo de compromisso, mas é um assunto espinhoso. Encontrei-me com Zé Aníbal [José Aníbal],* que veio para me dizer que é candidato ao governo de São Paulo, e que se o Geralinho [Alckmin] assumir, e se ele por acaso tiver que se afastar, ele então deixa a Secretaria de Ciência e Tecnologia e vem para Brasília. Está à disposição porque acha que o partido tem que fazer e acontecer.

Nesta segunda-feira à noite jantei com Paulo Renato [Souza],** que continua aflito, porque o desempenho do ministério é reconhecido como bom, e o conhecimento que a população tem dele como ministro é baixo. Ele está numa disputa latente com o Serra e eu o sinto muito apreensivo. Não vejo francamente que o Paulo tenha um caminho eleitoral seguro para nenhum lado, porque ele gostaria de ser candidato a presidente, difícil, a governador também é difícil, a senador pode ser, mas não é tão fácil... ele tem que se concentrar. Paulo é excelente pessoa, excelente ministro. Ele não tem a mesma capacidade que tem Serra de morder o osso e ficar em cima. E em cima de um osso desagradável, que é a busca de popularidade. O Serra não busca popularidade demagógicamente; ele busca assumindo brigas favoráveis ao povo contribuinte. É isso que o Paulo Renato poderia fazer, mas na Educação fica difícil.

Ontem terça-feira 9, o dia começou com uma gravação que fiz para o *Bom Dia Brasil*, acho que boa, embora estivesse muito cansado porque dormi mal à noite. Respondi às perguntas dos procuradores e a várias outras questões espinhosas que me colocaram, e a repercussão foi positiva. Os jornais de hoje, quarta-feira, estão repletos de notícias sobre isso. Nós recuamos sobre a multa aos procuradores, para acalmar um pouco a grita. Mas eles querem mais; na verdade querem ser impunes mesmo e isso não é possível.

Recebi o João Roberto Marinho,*** que veio me convidar por antecipação para quando eu deixar a Presidência, se desejar, escrever no Sistema Globo. O João Roberto sempre muito amigo, muito discreto também, conversei com ele sobre a sucessão presidencial, é bom manter essa conversa. E almocei com ministros da área social: o Serra, o Paulo Renato, o Vilmar, o Pedro Parente mais o Martus, para discutirmos o Projeto Alvorada,**** queremos dar mais visibilidade a ele. Conversamos também sobre o Paulo Renato e o Serra assumirem o comando na perspectiva de dar mais visibilidade aos recursos imensos postos à disposição deles na área.

* Secretário de Desenvolvimento, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo.

** Ministro da Educação.

*** Vice-presidente das Organizações Globo.

**** O Programa de Desenvolvimento Integrado Socioeconômico — que em setembro de 2000 mudou de nome para Projeto Alvorada, agregando outras iniciativas — previa a aplicação de R\$ 13 bilhões em projetos sociais para municípios de catorze estados (Nordeste mais Acre, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins) com baixo desenvolvimento humano.

À tarde, estive numa cerimônia de indicação de Zilda Arns* para o prêmio Nobel da paz pela Pastoral da Criança. Recebi rapidamente o deputado Vittorio Mediolí, de Minas Gerais,** que me disse que eles ganharam em Betim, onde o prefeito era do PT. Me disse que o PT tinha 2 mil pessoas empregadas na prefeitura para nada, funcionários do partido, como fazem no Brasil afora, inclusive oitenta cubanos. Não sei se é verdade, mas eles disseram com toda ênfase.

Depois recebi o Francisco Luzón, do Banco Santander, a quem o Felipe González tinha pedido anteriormente que eu recebesse. Ele tem uma preocupação: pela Constituição, as prefeituras e entidades oficiais não podem deixar dinheiro nos bancos não oficiais, ou seja, todos os recursos do Banespa, todos os depósitos, vão embora. Parece uma malandragem nossa: termos vendido o banco sem avisar. Não sabíamos, mas está na Constituição! Se bem que a Constituição diz que depende da lei. Portanto podia ter sido corrigido, e pode ser corrigido. Mas em São Paulo fazem uma forte campanha contra, e o Santander pagou 7 bilhões de reais, uma loucura de dinheiro, e mesmo assim estão perseguindo o Santander porque ele não é do Estado.

O Luzón tem muito entusiasmo pelo Brasil, o que hoje já é habitual.

Ainda recebi o [Francisco] Dornelles,*** que veio me brifar sobre a situação política do Rio de Janeiro. Nesse meio-tempo, as preocupações continuam sendo a respeito da sucessão nas mesas da Câmara. Eu tinha recebido de manhã o Marco Maciel junto com o Bornhausen, que estão meio desiludidos, porque a tentativa de acordo não deu certo, e está ficando difícil a situação de Inocêncio [de Oliveira]**** lá na Câmara.

Falei também com Antônio Carlos [Magalhães]***** e acertei que faremos a convocação do Congresso no dia 29 de janeiro.***** Ele estava mais manso, pois alguém foi dizer a ele que eu estava magoado, deve ter sido o Tasso. Antônio Carlos está na fase gato angorá, anda realmente calmo, quer carinho, vem acarinhando, como se diz, *pourvu que ça dure...*, mas não acredito que dure.

Não houve nenhum avanço efetivo nas negociações, mas o pessoal do PMDB gostou do que eu disse no *Bom Dia Brasil*,***** e gostou mais ainda da decisão de convocar a Convenção [do PSDB] só no dia 29; eles entenderam como um gesto de abertura para o PMDB. Foi um gesto normal, não foi de submissão ao PFL e ao An-

* Presidente da Pastoral da Criança.

** Pelo PSDB.

*** Ministro do Trabalho.

**** Deputado federal (PFL-PE), líder do partido na Câmara e candidato à presidência da Casa.

***** Senador (PFL-BA) e presidente do Senado.

***** O Congresso funcionou extraordinariamente durante duas semanas para votar 75 medidas provisórias de interesse do governo.

***** Sobre a eleição das mesas do Congresso, o presidente afirmara no programa matutino que não entraria em questões “que não sejam de interesse nacional, embora sejam de interesse partidário e possam afetar mais adiante. [...] Depois da eleição haverá quem ganha e quem perde. Ai a gente vê o que faz”.

tônio Carlos, porque não cabia. Isso continua enrolado e estou me afastando cada vez mais da briga, porque estou convencido de que não vai ter solução; vai ter briga mesmo. Além disso, eles têm medo, porque Antônio Carlos verifica o voto secreto, então quem no PFL votaria eventualmente no Jader tem pavor de ser descoberto pelo Antônio Carlos. Pode ser um pega pra capar, e não há muito que eu possa fazer nem temer, porque eles, do PFL, não vão se afastar do governo, para não perder tal ou qual posição. Pelo contrário, vão ficar mais dependentes do governo.

Depois disso, de significativo foi a conversa com o João Roberto Marinho. Expliquei a ele que estou cuidando de evitar que o Ciro tenha base partidária para aumentar tempo de televisão e obter mais penetração no país, como já fiz na outra ocasião, quando eu mesmo fui candidato. E o Lula vai ser candidato do PT. Nós não temos como limitá-lo nem devemos. O Ciro, sim. Podemos limitar o acesso. Só tenho medo do PMDB e do PTB, mas disso vou cuidar. Eu disse ao João: é mais fácil engolir o Jader na presidência do Senado do que o Ciro na Presidência da República. E, por outro lado, também é verdade que o PTB não é controlado pelo prefeito do Rio, o Cesar Maia, que é do Ciro; é controlado pelo [José Carlos] Martinez,* pelo Fleury [Luiz Antônio Fleury Filho]** e pelo Roberto Jefferson.*** O João disse: “Nesse caso tenho pena do senhor”. Eu disse que me dou bem, que não dou intimidade a ninguém, trato todos bem, e tenho que entender o jogo do Brasil: convivo com todos para a continuidade de um programa. Não estou preocupado com pessoas nem com o falso moralismo, como diz o [Carlos] Velloso.**** Moralismo é moral sem sentido de ética; a ética tem relação com os fins últimos, ele está dizendo que as pessoas são motivadas por questões menores. Eu tenho preocupação com o destino do Brasil, porque o fim último é esse. Se nem sequer existir a possibilidade de continuidade no governo, fica difícil. Eu disse ao João: o resto vai depender da mídia, acho que a mídia, no momento adequado, vai estar mais ou menos alinhada se tivermos uma candidatura que seja expressão de um programa. Disse a ele que quero continuar as reformas.

Hoje é quarta-feira, vou receber uma Comissão de Voluntariado da ONU e depois terei um churrasco na Embrapa,***** porque o Brasil ficou livre da aftosa, livre da peste suína clássica, enfim, uma porção de coisas positivas. Vou receber o presidente da Universidade de Notre Dame***** e o [José Israel] Vargas.***** Nada de muito especial.

* Deputado federal pelo Paraná, presidente nacional do partido e dono da rede CNT de televisão.

** Deputado federal por São Paulo e ex-governador do Estado (1991-95).

*** Deputado federal pelo Rio de Janeiro, líder do PTB na Câmara.

**** Presidente do STF.

***** Cerimônia de lançamento de programas de defesa agropecuária do Ministério da Agricultura, Pecuária e do Abastecimento, na sede da Embrapa, em Brasília.

***** Edward Malloy.

***** Ex-ministro de Ciência e Tecnologia (1995-99) e vice-presidente do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia.

HOJE É SEXTA-FEIRA, DIA 12 DE JANEIRO, o presidente da Universidade de Notre Dame, padre Malloy, muito entusiasmado com o Brasil e com o meu governo.

O Lampreia apresentou sua carta de demissão. Conversamos com calma, ele estava certo de que eu ainda não tinha escolhido o candidato, eu disse: "Felipe, analisei e acho que o nome que tem mais apoio do Itamaraty é o Celso Lafer". Ele ficou surpreso, porque imaginava que eu fosse falar do Sérgio Amaral, ele sabe que eu também gosto do Sérgio, mas ponderei as resistências que seriam oferecidas e o tempo que ele iria tomar para tomar pé. Me pareceu que não haveria espaço suficiente em meu governo para o ministério dar conta das coisas. Sérgio Amaral poderia fazer um bom trabalho se tivesse sido nomeado no começo do segundo mandato. Eu disse isso ao Felipe, pedi que mantivesse reserva, e assim foi feito.

Ontem, quinta-feira, despachei com o Tápias e com o Fernando Bezerra.* O Antônio Carlos tinha me telefonado sobre uma lista de sonegadores, de ladrões na Sudam, como ele qualificou. Eu disse que temos uma lista oriunda da Receita, aliás a Receita não concordava com a inclusão deles no Finam. Antônio Carlos, ontem, disse que o governo sabia quem são os malandros, e que os ministros do PMDB estavam encobrindo. É falso. Por coincidência, o Fernando Bezerra tinha estado comigo na manhã de ontem e trouxe uma nota explicando o que foi feito, dizendo que havia tal e tal empresa. Eu disse: "Fernando, ponha isso no jornal". Por sorte ele colocou. Então os jornais de hoje dão o barulho de Antônio Carlos, mas já sem muita ressonância, porque está lá a nota do ministro explicando o que está acontecendo.**

Fora isso, houve a sanção da Lei de Informática,** que foi importante. Aproveitei para falar de política industrial, acabar com esse tabu de que não há política industrial. Há, sim; o que não há é a mesma política de antigamente, porque o mundo mudou. Foi o que eu disse. Cobrei dos empresários a avaliação dos resultados dos incentivos que eles vão receber. Foi uma sessão boa.

Vetei o artigo que proibia que São Paulo recebesse incentivo, me referi à Amazônia com simpatia, o que não vai adiantar nada, porque os amazonenses querem ter o monopólio da informática em Manaus e não apenas o que já estava acordado para a Zona Franca, e acordado comigo também.

* Ministro da Integração Nacional.

** O ministro negou a existência da lista de fraudadores e divulgou que sua pasta, responsável pela Sudam, encontrara irregularidades graves em nove de 35 empresas submetidas a uma auditoria prévia, comunicadas ao Ministério Público Federal, que ajuizou diversas ações.

*** Lei nº 10176, de 11 de janeiro de 2001, sobre a regulação do setor e a concessão de incentivos fiscais a empresas de desenvolvimento ou produção de bens e serviços de informática instaladas no Brasil.

Depois do almoço, houve a entrega do Prêmio Direitos Humanos,* uma coisa tradicional, não fiz discurso, porque estava cansado e o Zé Gregori já tinha dito tudo que era possível dizer sobre a matéria, e também o secretário de Direitos Humanos.**

Depois recebi o Neudo Campos,*** que veio me perguntar se eu queria ser senador por Roraima. Agora é Roraima, Tocantins, Goiás, todos querem que eu seja senador. Eu disse que isso implicaria renunciar ao mandato, uma coisa difícil, fui amável para não decepcioná-lo, mas ele viu que não vou renunciar. Discutimos uma série de questões de Roraima, ele disse que está comigo, que se sente incomodado no PPB, mas que ir para lá é mais conveniente para mim do que ir para o PFL, dada a confusão toda. E no PSDB não pode entrar por causa das disputas locais.

Tive um jantar no palácio com o Robert Civita, que agora se chama Roberto Civita,**** e com o Andrea Matarazzo.***** Um jantar habitual, Roberto vem aqui de vez em quando, somos amigos há pelo menos quarenta anos, desde que o Pedro Paulo [Poppovic] trabalhava na Abril. Ele disse que quer ajudar bastante a difundir as coisas, não as do governo, mas do Brasil. Disse também que um amigo dele perguntou: o Fernando Henrique vai embora, e o que houve de mudança estrutural? Eu desfilei as mudanças todas e ele ficou surpreso. Disse que não se tratava de que eles não informassem, e sim de que nós não sabemos divulgar, de que está faltando comunicação. “São vocês que têm que fazer”, disse ele. Mas o Roberto é simpático.

Eu repeti o que disse ao João Roberto Marinho: “Roberto, a questão é a seguinte: estou fazendo reformas profundas, mas há setores políticos da base que são uma podridão. Esse é o problema do Brasil. Não é a maioria, mas os mais espertos dominam parte importante da maioria, e eles são partes do jogo brasileiro”.

Ou bem atendo a essa realidade — não no sentido de conceder a ela, mas tomando em consideração que ela existe —, ou nada ocorre. Ele disse: “É isso mesmo, essa frase é magnífica, reformar tendo em conta, entretanto, essa podridão, que é um perigo”. Eu disse: “Essa é a questão, não entro em convivência, mas tomo em consideração que eles existem”. Ele achou uma explicação luminosa. Curioso.

Vou receber agora, nesta sexta-feira, o Paulo Fona, um rapaz que foi do PMDB e é repórter do *Jornal do Brasil*. Vou também assinar uma mensagem que veio do Ministério da Justiça sobre juizados especiais.***** Depois recebo o em-

* Concedido anualmente pelo Ministério da Justiça a personalidades e instituições de destaque no setor.

** Gilberto Saboia.

*** Governador de Roraima (PPB).

**** Presidente do grupo Abril e *publisher* da *Veja*.

***** Secretário de Comunicação de Governo da Presidência da República, com status de ministro.

***** Referência à exposição de motivos que originou a lei nº 10.259, de 12 de julho de 2001, que instituiu juizados especiais cíveis e criminais na Justiça Federal.

baixador do México* e sigo para a fazenda, porque a Ruth e os netos estão lá, a Luciana [Cardoso]** também. Passo lá amanhã e volto para me preparar para ir ao exterior.***

Ontem, telefonei para Celso Lafer, perguntei se ele tinha interesse no Itamaraty. Evidentemente, ele tem interesse. Pedi que viesse aqui, amanhã, sábado, à noite, para nós conversarmos, pedi que guarde reserva, porque quero discutir alguns pontos antes de uma decisão. Assim é que eu levo as coisas. Não faço alarde, não faço tudo que quero, mas escolho. Celso tem todas as qualidades, apesar de que o Sérgio Amaral surpreenderia mais, por não haver sido antes ministro do Exterior.****

Esqueci-me de me referir à polêmica principal desses dias, a questão dos procuradores, que vai e vem. Suspendi — eu disse que suspenderia — a multa, o teto de 151 mil, mas eles querem outra coisa, querem que nem tudo seja considerado improbidade administrativa, de uma forma ou de outra. Acho que não é mesmo, mas eles consideram tudo improbidade administrativa, enfim. Vejo grandes confusões nas negociações, mas o debate, de qualquer maneira, dá um tranco nessa gente. Vejo também que eles resolveram reabrir a questão da compra de votos da reeleição. Eles pensam que com isso me atingem, eu nunca soube de nada, nem remotamente, de qualquer movimento nessa direção. Se alguém comprou, foi longíssimo de mim e do palácio. A emenda da reeleição ganhou com maioria expressiva.***** Não estava dependendo de dois ou três votos. É falar nisso só para “imaginar criar dificuldades” e julgar sempre que o governo é improbo.

* Jorge Eduardo Navarrete, substituído em maio de 2001 por Cecilia Soto.

** Filha do presidente.

*** Entre 15 e 24 de janeiro de 2001, Fernando Henrique viajou em visitas de Estado e de trabalho a Coreia do Sul, Indonésia e Timor-Leste, com escalas no Canadá e na África do Sul.

**** Lafer chefiou o Itamaraty em 1992, no governo Collor.

***** Na Câmara, a PEC 1/1995 foi aprovada por 336 a 17 no primeiro turno e por 368 a 112 no segundo. No Senado, recebeu 63 votos contra 6 na primeira votação e 62 contra 14 na segunda. A PEC se converteu na emenda constitucional nº 16, promulgada em 4 de junho de 1997.

*Viagem a Coreia do Sul, Timor-Leste e Indonésia.
Ainda a sucessão no Congresso. Programa de ação
para o final do mandato*

Hoje é domingo, 14 de janeiro. Ontem, Celso Lafer jantou aqui com a Mary [Lafer], sua mulher, e acertamos detalhes sobre a nomeação dele, porque eu gostaria que fosse anunciada depois da minha viagem. Serra me telefonou aflito de Genebra para eu falar com [Vicente] Fox* por causa da batalha que o Serra está travando, boa, para corrigir o relatório da OMC.** Não consegui falar com Fox. Serra me perguntou se eu já tinha convidado o Celso, como eu ainda não tinha visto o Celso. Era para acalmar o Itamaraty, senão o Itamaraty fica nervoso.

Falei (por telefone) com Mário Covas. Ele é impressionante. Sabendo, como eu soube — pois a filha dele*** pediu que o médico me informasse —, que ele está com câncer e com metástases também na meninge, o que é gravíssimo, acho que ele está muito forte de espírito.

Acabei de falar com Marco Maciel, por causa da preocupação do Antônio Carlos. Ele falou com Tasso, que me transmitiu sua preocupação com o fato de que Tasso e eu vamos viajar, e assim fica difícil encaminhar alguma solução [para a eleição da mesa do Senado]. Mas eu volto logo, Tasso também. A coisa é outra. Eu disse que estaria em contato com [José] Sarney,**** e o Sarney até hoje não se jogou a favor do Antônio Carlos, que quer precisamente que eu cobre isso do Sarney. Não posso. Se for necessário obter maioria absoluta, aí, sim, pode ser que o Jader não tenha maioria absoluta. Conversei com Marco Maciel, ele não está preocupado com isso. O Marco anda muito irritado com Antônio Carlos, e também o Roberto Brant***** está irritado, porque o PFL está se arrebrandando. O Marco anda preocupado é com outra coisa, com a posição do PFL. A eleição do Sarney no Senado não resolve nada para o PFL. Então, o embrulho é grande para o PFL.

* Presidente do México.

** Com apoio de cinquenta países em desenvolvimento envolvidos nas negociações da Rodada do Milênio, o Brasil e a Índia haviam proposto a quebra da patente de remédios-chave para suas políticas públicas de saúde, de modo a possibilitar a fabricação local sem pagamento de licença à indústria farmacêutica. Essa modificação do acordo Trips (Direitos de Propriedade Intelectuais Relacionados ao Comércio, na sigla em inglês) enfrentava oposição dos EUA e de outros países-sede das empresas afetadas. Em novembro de 2001, a proposta indo-brasileira foi aprovada pela OMC.

*** Renata Covas Lopes.

**** Senador (PMDB-AP) e candidato à presidência do Senado.

***** Deputado federal (PFL-MG).

HOJE É DIA 20 DE JANEIRO, SÁBADO, e estou em Bali, na Indonésia. Foi um longo périplo. Saímos de São Paulo no dia 15, segunda-feira, e viajamos para o Canadá. Longa viagem, de uma estrada só, e, como sempre, jogo de pôquer durante o voo, com os embaixadores que sabem jogar. O Leôncio Martins [Rodrigues]* desistiu, porque o nosso pôquer é muito pouco sério, brincalhão, mudamos de regra a toda hora. Chegamos tranquilos a Vancouver na terça-feira, 16, viagem muito agradável. Vou perder um pouco a noção dos dias, porque registro de viagem é complicado.

Visitamos um museu extraordinário,** muito bem-feito, muito bonito, dedicado aos povos que habitavam a região de Vancouver, uma área totalmente indígena que foi ocupada pelos ingleses. Um professor nos explicou tudo isso. Depois, recebi rapidamente o ministro do Exterior do Canadá.*** Eu já havia falado por telefone, no dia em que cheguei, com Jean Chrétien, que é o primeiro-ministro. Tocamos de leve no assunto mais importante, a questão da Bombardier e da Embraer;**** ele disse que o ministro das Relações Exteriores iria conversar com o Seixas Corrêa sobre o assunto e também disse que já foi anunciado que o Canadá vai apoiar o Brasil para ser membro do Conselho de Segurança em 2003 em uma vaga não permanente. Um gesto de simpatia, mas que não resolve a situação. O ministro do Exterior falou com Seixas longamente, o Seixas colocou com energia as questões do Brasil, eu também dei indicações à imprensa, e depois só falei com o ministro sobre temas gerais. No automóvel, não entrei em detalhes, porque não cabe a mim falar com o ministro do Exterior. Falo com o primeiro-ministro.

Dali fomos para a Coreia do Sul,***** chegamos depois de uma longa viagem, mas um pouco menos longa, foram onze horas, a outra, do Brasil ao Canadá, durou mais de treze horas. Na Coreia, formalidades, o ministro do Exterior***** nos esperando. Fomos dormir com uma decalagem de horário enorme. No outro dia, o trabalho já começou pela manhã, como é habitual nessas viagens. Fizemos todo um périplo para receber formalmente as boas-vindas do presidente,***** na cerimônia de chegada. Depois reunião com o presidente e o ministro do Exterior e de Ciências e Tecnologia.***** Mais tarde, uma reunião longa com vários outros ministros, basicamente sobre o acesso do Brasil ao mercado coreano e a questão que eles reivindicam: a Kia Motors, que não cumpriu as formalidades necessárias,

* Professor de ciência política da Unicamp.

** Museu de Antropologia da Universidade da Colúmbia Britânica.

*** John Manley.

**** As duas empresas, líderes mundiais no mercado de aeronaves regionais e executivas, litigavam no âmbito da OMC por acusações mútuas de recebimento indevido de subsídios governamentais e desrespeito a regras do comércio internacional.

***** Primeira visita oficial de um presidente brasileiro ao país.

***** Lee Jeong-bin.

***** Kim Dae-jung.

***** Seo Jung-wook. Na ocasião, Brasil e Coreia do Sul firmaram um acordo de intercâmbio de tecnologia nuclear para fins pacíficos.

perdeu a oportunidade de entrar no Brasil e ela quer que estendamos o prazo para que possa ser atendida, o que é muito difícil. Embora eu tenha dito isso ao presidente e o Seixas Corrêa também, no dia seguinte, nos jornais, está estampado outra coisa, dizendo que havíamos concordado em reabrir prazos. Forçaram muito a barra nessa direção.

Minha impressão do presidente é positiva. Depois dessa longa reunião com ele, tivemos um almoço com empresários, eu fiz um discurso, habitual. À tarde fui visitar o Parlamento, o que também faz parte das visitas de Estado. À noite houve um banquete com o presidente e muita gente.

Conversei bastante com o presidente, chama-se Kim Dae-jung, um homem realmente qualificado. Ganhou o prêmio Nobel da paz* e tem ideias claras sobre o mundo, com muita coincidência com as coisas que penso — particularmente com relação aos Estados Unidos, mas também quanto a importantes problemas da humanidade. Ele acha, basicamente, que a grande questão, como eu também acho, é a religiosa, choques entre muçulmanos e o resto do mundo, por um lado, e a pobreza na África por outro. O ponto central: como se vai entrar na sociedade do conhecimento. Nesse sentido, a Coreia dá uma lição em todos nós, eles estão fazendo um trabalho imenso de qualificação de pessoas, o presidente tem consciência disso. Ele fala com desenvoltura sobre os temas científicos, sobre a necessidade de avançar. É um homem de setenta e tantos anos com muita clareza sobre tudo isso e também sobre os valores universais, a democracia, essas questões todas. Enfim, é não só um homem do mundo como um homem que conhece os problemas do mundo. Conversamos sobre muitos países, sobre muitos líderes, as apreciações dele sempre positivas, realmente um homem que me impressionou.

No dia seguinte, fomos a Panmunjom, onde houve o acordo do armistício.** Visitei as fortificações e fiz declarações de que o Brasil terá um relacionamento diplomático com a Coreia do Norte. Claro que o presidente Kim estava muito contente com isso, porque ele está agindo da mesma forma. Em Panmunjom, um general americano e um coronel nos fizeram uma exposição. O coronel parecia saído de uma história de cinema, perfeito, um homem decidido, simpático, agradável. O general já me pareceu um pouco mais orientado por uma visão ultraguerreira, disse que os norte-coreanos estão preparadíssimos, têm armas químicas, que eles não diminuíram o desenvolvimento técnico e militar, embora haja certo arrefecimento na linha política. Enfim, tentou mostrar que os 34 mil americanos que estão naquela posição são indispensáveis, e o outro [o coronel sul-coreano] mostrando que estão muito preparados, prontos para responder a qualquer provocação norte-coreana.

* Em 2000.

** Em 27 de julho de 1953, o acordo que pôs fim à Guerra da Coreia foi assinado no vilarejo fronteiriço de Panmunjom (hoje desaparecido). Entretanto, formalmente as duas Coreias continuam em estado de guerra.